

A Centralidade e Universalidade da Cruz *por T. Austin-Sparks*

Introdução

A Bíblia – quando nos afastamos e vemos a Bíblia como um todo – ela nos dá duas visões do universo. Em primeiro lugar há o ponto de vista da eternidade e do eterno propósito de Deus. A partir deste ponto de vista, o universo é Cristo-cêntrico. Em Segundo lugar há o ponto de vista da incursão do pecado, com todos os seus efeitos. A partir deste ponto de vista, o universo é Redento-cêntrico. O primeiro representa o tremendo valor de Jesus Cristo, Filho de Deus e Filho do Homem. O Segundo mostra o terrível e glorioso significado de Jesus Cristo, e este crucificado; em outras palavras, a Cruz. É com este segundo, como a roda dentro da roda maior, que nos ocupamos agora. A roda maior tornou-se completamente dependente da outra, e assim a Cruz fica adornada com toda a significância do propósito universal de Deus de eternidade a eternidade.

A fim de esclarecer qualquer concepção errônea quanto a alguma ênfase desbalanceada, vamos de uma vez por todas dizer que, de acordo com a revelação de toda a Palavra de Deus, tanto no Velho como no Novo Testamento, a Cruz é hoje a base de tudo, e o diagrama abaixo representa uma roda com todos os seus raios, seu aro e suas rodas dentro de rodas, contudo o centro de tudo é a Cruz do Senhor Jesus Cristo. Não é um dos raios; não é uma das linhas de ensino; mas a cruz reúne em si todas as coisas, e torna tudo possível. Se você falhar em reconhecer o lugar e o propósito de Deus para a Cruz e na Cruz do Senhor Jesus, então será aí que você se tornará desequilibrado; departamental, sua perspectiva e visão ficarão distorcidas. Para o correto ajustamento, regulação e balanceamento de toda verdade, você deve colocar a Cruz bem no centro, e entender a relação de tudo mais com ela, e dela com todas as demais coisas.

Aventuramo-nos a dizer que não há um tema em toda Palavra de Deus referente ao propósito de Deus que não esteja governado pela Cruz do Senhor Jesus. Nas menores questões da vida prática diária, a Cruz deve ter o seu lugar, e, a partir de coisas triviais, a aplicação deve ser feita para os círculos maiores.

Naturalmente, é compreendido que a frase ‘a Cruz’ não significa meramente a crucificação de Cristo, mas a morte, o sepultamento, a ressurreição e a ascensão ao trono, e a relação soberana investida agora lá em Cristo a nosso favor; tudo é por meio da Cruz. Jamais vemos o trono separado do Cordeiro no meio dele, ‘como que fora morto’. Tudo está

reunido na frase: "Jesus Cristo, e este crucificado", e, quando "a Cruz" é mencionada, significa "Cristo crucificado" com tudo que isto implica.

Assim, vamos então organizar vamos reconhecer de uma vez por todas, que a Cruz não é uma linha específica de ensino, não é um departamento da verdade, não é uma mensagem isolada numa ênfase desequilibrada, mas é o centro do universo que compreende e explica todas as coisas. É o cubo da roda. Para ele e a partir dele todos os raios se movem através de círculos definidos da atividade e instrumentalidade Divina para as partes mais longínquas do universo; nos céus dos céus, nos lugares celestiais, acima de todas as coisas: lá a Cruz permanece firme. Você jamais sai do alcance da Cruz.

Tendo dito que a Cruz não é uma fase da verdade, mas é hoje o centro de toda verdade _ a base, o fim e a explicação de tudo _ iremos agora prosseguir, a fim de vermos como isto se dá em relação às quatro linhas maiores de revelação quanto a Cristo.

Esses quatro 'raios' que saem do cubo e a ele sempre retornam são:

1. A Pessoa de Cristo
2. O Espírito Santo
3. A Tão Grande Salvação
4. A Vinda de Cristo

A Centralidade e Universalidade da Cruz *por T. Austin-Sparks*

Capítulo 1 - A Cruz e a Pessoa de Cristo

É de extrema importância e de consequência vital reconhecermos que a Pessoa de nosso Senhor realmente não pode ser conhecida e compreendida exceto por meio da Cruz. É de igual consequência perceber que a Cruz realmente só é compreendida e adequadamente apreciada quando a Pessoa de Cristo é discernida. Essas duas obras estão juntas e são mutuamente dependentes.

Quem é Jesus

Nos dias de Sua vida terrena, Seus discípulos e as pessoas queriam um Cristo sem cruz. Eles não podiam ver lugar para a Cruz. Ela era uma contradição a todos os sonhos e expectativas deles. Sempre que Jesus se referia a cruz, uma sombra escura caía sobre eles, e ficavam ofendidos. De fato, eles se revoltavam muito positivamente contra esta idéia e sugestão.

Correndo paralelamente junto a esta incapacidade de se discernir o significado e valor da Cruz estava, de um lado, Sua contínua referência a essência de Sua própria Pessoa como Filho de Deus, e, do outro lado, a total incapacidade deles em reconhecê-Lo. Somente por meio de lampejos fugazes de iluminação um ou dois deles realmente O viram como Filho de Deus, e, então, pareceu, pelo comportamento deles, que eles perderam a percepção, e as nuvens da incerteza os tinha envolvido ao redor novamente. O estado e a posição na qual os encontramos quando Jesus foi crucificado indica como a realidade de Sua Pessoa tinha falhado em possuir a vida mais íntima deles. Mas a coisa interessante e significativa é que o Senhor em todo o tempo indicava que esta dupla incapacidade seria removida quando finalmente a Cruz viesse a ser um fato consumado. O capítulo oito do evangelho de João é um exemplo forte disso. Nele Jesus concentra tudo sobre a questão de Sua Pessoa.

"Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo... Disseram-lhe, pois, os fariseus: Tu testificas de ti mesmo; o teu testemunho não é verdadeiro. Respondeu Jesus, e disse-lhes: Ainda que eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei de onde vim, e para onde vou; mas vós não sabeis de onde venho, nem para onde vou. ... Disseram-lhe, pois: Onde está teu Pai? Jesus respondeu: Não me conheceis a mim, nem a meu Pai; se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai. E dizia-lhes: Vós sois de baixo, eu sou de cima; vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo. Disseram-lhe, pois: Quem és

tu? Jesus lhes disse: Isso mesmo que já desde o princípio vos disse". (8:12-25).

Então vem a afirmação que é o ponto de virada de tudo.

" Disse-lhes, pois, Jesus: Quando levantardes o Filho do homem, então conhecereis quem eu sou, e que nada faço por mim mesmo; mas falo como meu Pai me ensinou. " (8:27). (Leia até o fim do capítulo.)

Por algo mais do que implicação Jesus tinha lançado o mesmo princípio com Nicodemos. Nicodemos estava andando às apalpadelas na sombra em relação à Pessoa de Cristo. "Sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus..." Jesus mostrou que, para se 'ver', algo precisa acontecer, por meio do qual uma nova faculdade venha ser obtida; um novo nascimento é necessário. Então Ele levou Nicodemos para a Cruz, usando a mesma frase que está no capítulo oito: "Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, assim também importa que o Filho do Homem seja levantado" (João 3:14). A lei enunciada é que é a Cruz que revela quem Jesus é.

A União Com Deus É Assegurada Ao Homem Em Cristo

Dentro do que acabamos de dizer repousa a própria essência do significado de Cristo. Vamos olhar brevemente para o este conteúdo essencial. Qual é a coisa para a qual Cristo permanece preeminentemente em toda a revelação da Escritura? A resposta é a **UNIÃO COM DEUS**.

Esta tem sido a coisa pela qual o homem tem buscado desde que se tornou uma criatura pecadora. Quase que por incontáveis caminhos e por muitos meios o homem tem procurado esta paz e descanso que somente é possível através da união com Deus. Em algum lugar, de alguma forma (a Bíblia nos mostra) a comunhão com Deus foi perdida. Três coisas se tornaram marcas permanentes e sempre vivas desta ruptura de relacionamento. Primeiro – a mentira; segundo – inimizade; e terceira – morte.

As Conseqüências da Queda

(a) Uma Mentira Crida

O homem não apenas creu e aceitou uma mentira, mas esta mentira entrou em sua constituição, e ele é uma alma enganada e em trevas. De si mesmo ele não conhece, nem é capaz de conhecer ou de ser a verdade. "O coração é mentiroso mais do que todas as coisas, excessivamente corrupto, quem pode conhecê-lo?" (Jer. 17:9). Foi dito ao homem que se ele tomasse um curso contrário aquele estabelecido por Deus, e assumisse o direito de usar a sua própria razão **INDEPENDENTEMENTE DE DEUS**, que ele seria 'como Deus'. Ele aceitou esta mentira, deu o seu

lance pela supremacia, entronizou a sua razão em independência, e foi apanhado pela mentira. O resultado disso foi – e é – um tremendo desenvolvimento da realização humana, por meio da qual o homem tornou-se um senhor em seu próprio direito (como ele pensa) e cego para o fato de que destruição e angústia são frutos cada vez mais crescentes de sua ciência. Tanto é assim que a questão tem sido seriamente levantada por homens em posição de perguntar se a ciência é de fato uma grande benfeitora ou uma maldição.

Deve ser lembrado que muito desemprego, com suas muitas conseqüentes misérias e problemas, é fruto da ciência, que tem substituído homens por máquinas, e habilidade humana por produção em massa. A mesma responsabilidade é atribuída à ciência pela capacidade de destruir os homens e a terra em escala tão imensa como era impensável há uma geração atrás. Projete o curso presente e avance algumas gerações mais, e que tipo de mundo teremos? Naturalmente o argumento não é que a ciência em si mesma é necessariamente má, mas o nosso ponto é que o homem acredita que ele está o tempo todo melhorando, quando, na verdade, não há qualquer elevação moral que corresponda ao desenvolvimento intelectual.

Este assunto não está explorado em toda medida, mas, a partir da simples indicação dada, pode-se ver que a humanidade está cavalgando numa mentira na forma de um tigre que irá despedaçá-la em pedaços. Mas a força da mentira está no fato de que o homem não a reconhece, ele está cego e em trevas quanto a sua natureza e origem. Isso tudo é o ódio do Diabo contra Deus.

Rodapé: Nota de um cientista.

"Tanto a história quanto a ciência nos dá garantia para crer que a humanidade tem feito grandes avanços em acumulando conhecimento e experiência, e em inventando instrumentos de subsistência, e o valor disso é incontestável. Mas eles não constituem real progresso na natureza humana em si, e, na ausência de tal progresso, esses ganhos são externos, precários, e SUJEITOS A SE VOLTAREM À NOSSA PRÓPRIA DESTRUIÇÃO" (grifo nosso).

(Certamente isto – um mero fragmento de todo um volume – confirma as palavras do apóstolo: "E assim a palavra da Escritura se torna real: 'Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus. Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, E aniquilarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Visto como

na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação. Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos. Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens." [1 Cor. 1:18-25].)

(b) A Inimizade É Estabelecida

O mesmo é verdade em relação à inimizade. Ela nunca é uma grande distância do interesse pessoal e da realização própria até a guerra e o derramamento de sangue. Não temos muita história entre a escolha de Adão pela glória e o assassinato cometido por Caim contra seu irmão. Os dois casos são um em princípio. Seja em casos individuais, como no início, seja no caso de milhões engajados na destruição uns dos outros, a raiz é o desejo do homem em adquirir. O nome Caim significa ganância, possessividade. Devemos ser muito honestos sobre isto. A igreja cristã não é exceção a esta regra. Cristãos têm se dividido em milhares de partes, e muitos delas são antagônicas umas às outras, ou, pelo menos, distantemente desconfiadas uma das outras. A inimizade entre os crentes é vista até mesmo no Novo Testamento. É a obra do Diabo de sempre, mas até mesmo o Diabo precisa ter o seu terreno. Isto ele tem na velha criatura do homem. Cada divisão entre o povo de Deus é – em essência – a mesma que as inimizades do mundo sem Deus. Tem a sua origem em algum elemento da velha criação de auto afirmar-se. Nunca houve – nem haverá – uma divisão cristã entre os cristãos. Toda divisão é, de alguma forma, uma negação e uma contradição em relação a Cristo. A causa aparente pode não ser uma sensualidade ardente, mas, contudo, será qualquer outra coisa, menos Cristo. A inimizade é uma marca comunhão quebrada com Deus; vamos deixá-la aí por ora.

(c) Morte

A Terceira marca desta união com Deus destruída é a morte. Se a vida é o perfeito ajustamento e harmonia do homem com Deus, então o homem não possui vida. O Novo Testamento evidencia isto, não argumenta. Morte não é – no senso bíblico – cessação da existência, nem é um estado inanimação. É apenas uma separação da fonte da vida verdadeira, com toda a incapacitação que esta separação implica. Morte espiritual é algo poderosamente muito ativo, e, em relação a todas as coisas que se referem a vontade de Deus, ela resulta num poderoso ‘não pode’.

Para a realização de todos os propósitos desígnios de Deus, e a constituição da criação que Ele pretende, a obtenção de Sua própria vida Divina e não criada é fundamental. O homem, por natureza, não possui esta vida, e o humanismo é uma das formas mais sutis e populares – e a mais devastadora – das mentiras do Diabo. Por esta razão o homem, na condição em que se encontra, não pode ver o Reino de Deus. A união com Deus é uma questão de possuir a vida de Deus. Esta provisão é transmitida por meio do novo nascimento. Desta forma somos levados tanto para a Pessoa como para a Cruz de Cristo.

Uma Nova Humanidade Em Cristo

Embora aí ainda permaneçam profundidades imensas e perigosas até mesmo para pessoas iluminadas de Deus tentarem explorá-las, uma coisa que é clara como conclusão é que a Encarnação teve o objetivo de estabelecer a união entre Deus e o homem, e entre o homem e Deus, esta é a intenção Divina. Aqui temos o próprio Deus se unindo com o homem. Mas – e que fique bem entendido – não com o homem picador, ou com a humanidade caída. Deus preparou aquele corpo – ‘aquele corpo santo’ (Heb. 10:5; Luc 1:35). Quando Cristo veio a este mundo, com Ele veio uma humanidade que – embora sendo humanidade – era diferente de todo o resto. Havia, assim, duas humanidades, uma representada unicamente por esta Pessoa solitária; a outra, por todos os demais homens. Mas mesmo neste caso, Sua humanidade era apenas uma humanidade probatória. Visto que, como o princípio animador de Seu ser físico era o sangue, Ele estava sujeito ao cansaço, à fome, e à sede, e, portanto, capaz de morrer e ver a corrupção. O fato de Ele ter morrido e não ter visto a corrupção deveu-se à intervenção soberana de Deus, e por causa da perfeição moral – ou santidade – de Sua natureza. "Não permitirás que o Teu Santo veja a corrupção" (Ps. 16:10). A condição probatória de Cristo relacionou-se completamente com Sua vocação redentora. Quando esta foi realizada, Ele ainda tinha um corpo humano, porém não mais animado pelo princípio do sangue. Agora – embora um corpo – é um ‘corpo espiritual’, e, portanto, um corpo glorificado. Não é à semelhança do corpo do Cristo terreno, antes da ressurreição, que seremos conformados, mas "ao Seu corpo glorioso" ou "corpo de glória!"

(Nota de rodapé: Estou ciente de que o que foi dito acima pode suscitar uma questão quanto ao ‘sangue incorruptível’ de Cristo, porém o meu ponto de forma alguma é uma questão quanto a Sua natureza moral, mas apenas o fato de Ele sendo colocado na base da vida, que tornou possível a Ele morrer fisicamente. ‘Corrupção’ é somente referida neste sentido, não no sentido espiritual, ou moral. Também estou consciente de que os

fisiologistas ainda não terminaram seus debates em relação a corrupção, i.e. quanto a se é o sangue. Mas eu creio que a Bíblia indica que é.)

Estamos dizendo que em Cristo, Deus e o homem vem juntos, mas num Homem completamente diferente do que somos. Este é o porquê de a união com Deus – que é a maior revelação da Bíblia, revelada conclusivamente no Novo Testamento – ser sempre e somente em Cristo. Até que passemos para a base da vida ressurreta, esta união será sempre uma posição de fé Nele; não é algo presente em nossa carne mortal. Falaremos mais sobre isso mais tarde. Em Cristo Deus tem a Sua perfeita satisfação, e por causa disso tem Ele se comprometido com Cristo. A união é perfeita.

A Mentira, Inimizade, E a Morte Anulada Em Cristo

Mas isto implica ou pressupõe que o triplo resultado e marca da união interrompida é absolutamente descartada e não existe mais em Cristo. Ou, colocando de outra forma, Cristo é o oposto e a negação da mentira, da inimizade, e da morte. Assim, esta é a revelação mais espiritual e celestial de Cristo, como dada no Evangelho de João, em termos de vida, luz e amor. Luz e verdade são nomes permutáveis. Neste registro Cristo torna estas coisas mais do que abstrações, Ele as torna pessoais, e diz: ‘Eu sou isso’. Nele não há escuridão, sombra, mentira, ou falta de transparência. Em Sua natureza não há inimizade, disputa, divisão, ou hostilidade, nem em Sua atitude ou relação com os homens – COMO HOMENS – (somente com o mal no mundo e no homem). Nele não há separação da Fonte da Vida. Ele pode dizer: ‘Eu sou a ressurreição e a vida’ (João 11:25). Toda a negação dos resultados da união quebrada com Deus foi porque não havia interesse pessoal Nele. Pode ser facilmente visto que todo o esforço do Diabo – em suas muitas formas – foi no sentido de tentar fazê-Lo agir na linha do EU, do interesse pessoal, da realização pessoal, da defesa pessoal, da preservação pessoal, da auto-piedade, da independência, do recurso próprio, etc., etc. Ter sido o inimigo bem sucedido nesta questão em qualquer ponto teria sido colocar uma rachadura entre Deus e o Novo Homem, derrotando, assim, todo o plano da redenção. Mas o terreno puro da mais absoluta abnegação foi mantido a grande custo, e por meio da prova mais ardente, e o príncipe do mundo ficou impotente. A união permaneceu intacta. A vida, a luz, o amor são triunfantes porque o EGO é completamente negado. Mas isto tudo é somente em relação a Ele mesmo, e até aqui isto continua uma singularidade Dele. Ele permanece sozinho se a coisa parar aí.

A Humanidade de Cristo Compartilhada - Pela Cruz

Assim, passamos no evangelho de João para o ponto em que certas pessoas chegam dizendo: 'Queremos ver a Jesus' (João 12:21). A esta inquirição ou busca Jesus faz uma réplica que significa duas coisas. Primeiro: 'Ver-Me da mesma forma como as outras pessoas estão me vendo aqui e agora não é me ver, absolutamente; isto é ver e não perceber. Segundo: 'Para realmente me ver e me conhecer, uma união comigo numa forma orgânica é necessária; isto é, aquilo que é verdade sobre mim em minha relação com meu Pai e Sua relação comigo deve se tornar verdade de uma forma interior em relação a vocês'. Daí: " Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo caindo na terra não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto " (João 12:24). 'Eu não vim para permanecer sozinho. O que é verdade de mim quanto à união com o Pai precisa ser verdade em relação a vocês EM MIM'. Mas neste ponto somos levados à cruz pela Pessoa de Cristo. " Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas para isto vim a esta hora. " (João 12:27). E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo. Isto dizia, significando de que gênero de morte estava para morrer" (v. 32-33).

O apóstolo Paulo cobriu todo este terreno numa abrangente e esclarecedora declaração. Indicamos os pontos de ênfase.

"Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou." (2 Cor. 5:14-15).

Alguns têm gratuitamente traduzido da seguinte forma:

"Olho para o amor de Cristo e vejo já consumada em Sua morte a morte de todos nós, à semelhança de Sua morte – a morte DE TUDO AQUILO QUE NOS SEPARA DE DEUS."

Tudo isto é dizer muito fortemente que, para realmente conhecermos quem é Cristo, como Aquele em quem Deus e o homem são trazidos juntos, precisamos chegar à cruz de uma forma experimental. Precisamos entender Sua morte como sendo a nossa, e, então, também em experiência – através da fé – conhecer a vida ressurreta Nele, em quem a velha vida do eu é removida.

A Pessoa De Cristo Iluminada Pela Cruz

Mas precisamos voltar um pouco atrás por um momento. Qual foi o real significado da cruz e qual foi o seu efeito? Tudo o que dissemos sobre a Pessoa de Cristo era verdade sobre Ele totalmente separado da Cruz. Para

Ele não havia necessidade de Cruz. Então chegou a hora, contudo, quando Ele teve que se tornar o que Ele em Si não era. Para nos redimir, Ele Aquele que não conheceu o pecado foi feito pecado em nosso lugar. Neste momento Ele foi colocado na posição do homem como vítima da mentira de Satanás com suas trevas. Assim também Ele se tornou, para tomar sobre Si a inimizade de nosso estado caído, e nesta profunda experiência, nesta posição REPRESENTATIVA, Ele perdeu a consciência do amor do Pai. Então veio a terceira fase desta responsabilidade - a morte. Por uma terrível e eternal 'hora' Cristo foi separado de Seu Deus – perdeu a comunhão com Ele. "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mat. 27:46). O mistério é muito profundo para nós, mas o fato e a razão são claros e inequívocos.

Então Ele morreu, 'provou a morte' – terrível morte, que é a plena e nua consciência e percepção da completa separação de Deus, de ser abandonado por Deus! Mas em Si mesmo Ele era o Filho de Deus sem pecado, e, como tal, não podia ser retido pela morte (Atos 2:24). Em virtude de Sua impecabilidade essencial, Ele sobreviveu à ira que repousava sobre aquilo que Ele foi feito naquela hora de trevas. Ele venceu e destruiu as causas, o terreno, a força e o originador da morte.

Foi preciso muito mais do que um homem para fazer isto. "Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo" (2 Cor. 5:19).

Assim, na cruz toda a causa e natureza da separação de Deus foi destruída, e em Cristo ressurreto esta comunhão está perfeita PARA NÓS. "Agora, pois, nenhuma condenação há para aqueles que estão em Cristo Jesus" (Rom. 8:1).

Esta perfeita comunhão com Deus sem qualquer condenação, tornada real pela habitação do Espírito Santo dentro de nós, através do nosso crer em Cristo, é a posse somente daqueles – mas é certamente nosso direito de nascimento – que têm chegado à cruz com a percepção da separação de Deus, com um desejo profundo de que a comunhão com Ele seja restaurada, reconhecendo que o pecado é a causa. Assim, olhando para Cristo crucificado como o Autor e Consumador da salvação, eles descobrem que Ele é mais do que um homem, até mesmo o homem em seu melhor. Descubrem que Nele – e somente Nele – Deus é encontrado.

Podemos nós imaginar o que Saulo de Tarsus sentiu – ele que acreditava que Jesus de Nazaré não passava de um simples homem, e um impostor entre os homens, e que foi executado como um embusteiro e blasfemador – quando viu no caminho de Damasco que esta Pessoa glorificada, exaltada era o Eterno de Deus? Foi necessário um tempo na Arábia para

fazer com que as implicações disso ajustassem e revolucionasse toda a sua perspectiva.

Quando enxergamos de quem era aquela cruz, isto coloca esta cruz muito distante de qualquer idéia humana de 'morrer por ideais', 'morte heróica por uma grande causa', e todas as interpretações menores e completamente inadequadas da morte de Cristo.

"Vós matastes o Príncipe da Vida" (Atos 3:15) esta foi a acusação lançada sobre os judeus pelos apóstolos.

Assim, voltamos ao nosso ponto inicial. Requer-se a cruz para realmente se ver quem é Jesus; e, vendo-O verdadeiramente por meio da cruz, vemos quão grande, quão maravilhosa, sagrada e terrível é esta cruz.

Não é sem razão que Satanás sempre tenha procurado tirar de Sua Pessoa essencial e fazê-Lo algo menos! Não é de admirar que ele tenha tão persistentemente buscado despojar a cruz de seu verdadeiro significado! Que todos os que fazem essas coisas reconheçam de onde vem sua inspiração ou cegueira, e com quem é que eles – embora involuntariamente – estão associados.

Que os cristãos também compreendam que toda a inimizade. Falta de amor, que as divisões e contendas; todo preconceito, suspeita e cegueira espiritual, com toda morte espiritual, se deve ao fato de a cruz não ter sido compreendida corretamente. Em alguma parte a carne não crucificada está tendo terreno. É impossível ser um homem ou uma mulher verdadeiramente crucificado e, ao mesmo tempo ter interesses pessoais, ou estar em discórdia com outros filhos de Deus, i.e. sem amor por eles. A base essencial da vida, da luz e do amor – que é Cristo em manifestação plena – é a cruz como uma realidade operante no terreno da velha criação, e o poder do Cristo Ressurreto na nova criação.

Tudo isto quer dizer em outras palavras que a cruz nos traz em viva união e comunhão com Deus, e, se vivermos em pleno significado e valor desta união, seremos cartas vivas de Cristo em termos de vida, de luz e de amor. Falhar nessas coisas significa falhar em alguma parte, e, por alguma razão, em nossa relação com Deus em Cristo. A medida do nosso caminhar com Ele será a medida dessas três marcas de Cristo.

A Centralidade e Universalidade da Cruz *por T. Austin-Sparks*

Capítulo 2 - A Cruz e o Espírito Santo

" E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele. " (Mat. 3:16).

"Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro; para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios por Jesus Cristo, e para que pela fé nós recebamos a promessa do Espírito." (Gal. 3:13-14).

O assunto a que nos voltamos agora é a cruz e o Espírito Santo. Deixe-me dizer no início que isto não é um tratado sobre a Pessoa e a obra do Espírito Santo, mas principalmente uma ênfase sobre a relação entre o Espírito Santo e a Cruz de Cristo.

Deus Trabalhando Pelo Seu Espírito

Antes de que possamos vir imediatamente àquela matéria, há algumas coisas preliminares de que será útil lembrar-se. Eles são de caráter mais geral. Primeiramente há este fato, que as Sagradas Escrituras deixa bastante claro que sempre que o Deus se tenha movido para realizar qualquer fase do Seu objetivo abrangente, Ele fez assim por meio do Seu Espírito. O Espírito do Deus foi a sabedoria, o poder, a energia, o iniciador, o continuador e o consumidor daquele que o Deus tomou em qualquer momento na mão para ocasionar. É bastante evidente a todos, penso eu, no relance mais superficial das Sagradas Escrituras.

Então vemo-Lo na criação, isto é, a criação deste mundo. O Espírito do Deus está lá como a Agente iniciador, permeando, conduzindo e sempre em evidência em relação ao fornecimento desta ordem cósmica em ser.

O mesmo é visto ser verdadeiro na história e a vida de Israel. Toda a sua vida e a ordenação da sua vida foram uma matéria do Espírito de Deus. Ele trabalhou com os seus pais, Ele conduziu-os fora do Egito como o pilar de fogo e nuvem, Ele sustentou-os no deserto; Ele dotou homens entre eles para o esboço, a criação, a constituição daquele grande simbolismo de Cristo - o tabernáculo. O Bezalel e Aholiab foram homens peculiarmente dotados pelo Espírito de Deus para todo tipo trabalho com relação ao tabernáculo, e de muitos outros modos e conexões é visto que o Espírito do Senhor esteve encarregado desta matéria inteira da vida e história de Israel. O Deus cumpria O seu propósito, ou aquela fase do Seu grande propósito, pela agência do Seu Espírito.

O que foi verdadeiro naquelas conexões é visto ser verdadeiro no caso da vida e obra do Senhor Jesus; gerado do Espírito Santo, ungido do Espírito, cumprindo O seu ministério, proferindo O seu ensino, executando as Suas obras, tudo por esta unção do Espírito, e conseqüentemente oferecendo-Se a Deus sem mancha "pelo Espírito eterno." Em todas as coisas, novamente, Deus executa O seu trabalho por meio do Seu Espírito.

E, então, prosseguimos para a Igreja. Fica abundantemente claro que este grande aspecto do objetivo de Deus através dos tempos está novamente nas mãos do Espírito Santo. A Igreja é trazida à existência pelo Espírito Santo no dia do Pentecostes, e daquele tempo tudo é cometido ao Espírito para que execute.

O que é verdadeiro quanto à Igreja, sua chamada, sua vocação, seu objetivo, é verdadeiro, segundo as Escrituras, de cada membro dela, cada indivíduo. A vida de cada filho de Deus é iniciada pelo Espírito Santo, nascida do Espírito; e, então, ser, na condução do Espírito, conduzida em toda a vontade e pensamentos e caminhos do Senhor; aperfeiçoado pelo Espírito; salvo, santificado e glorificado, tudo pelo Espírito de Deus.

Esta é uma consideração muito elementar, eu sei, mas é básica porque a suposição é esta, que o homem não tem em si mesmo nenhuma das exigências, moral, intelectual ou espiritual, para realizar qualquer parte do objetivo de Deus. Se fosse possível ao homem assim fazer, então o Espírito de Deus não precisaria ter vindo; mas a própria vinda do Espírito é a grande declaração Divina de que Deus deve fazer O seu próprio trabalho, ou ele nunca será feito - que o homem é totalmente incapaz de realizar qualquer parte ou fragmento do grande propósito de Deus, e, sem o Espírito, nenhuma parte dele jamais será realizado. Isto é o que significa que o Espírito do Deus está sempre encarregado das coisas de Deus, porque o homem não é capaz neste campo.

Portanto o advento do Espírito Santo não é nada menos do que o mesmo advento do Próprio Deus para projetar, constituir e realizar uma nova criação espiritual, um cosmo espiritual (eu não gosto muito desta palavra, mas ela é uma palavra mais completa do que "mundo" e significa algo mais do que até uma criação, é um sistema ordenado) - o advento do Deus Espírito Santo é para projetar e constituir e consumir um novo sistema espiritual ordenado, um cosmo espiritual, uma natureza inteiramente espiritual de coisas das quais o natural e o físico não passa de uma sombra, um tipo.

Cristo um Sistema Espiritual Abrangente

Agora, o modelo desta ordem espiritual, ou sistema, ou economia é o próprio Filho de Deus, Jesus Cristo. Cristo é um vasto e abrangente

sistema e ordem espiritual. Isto não significa que Ele não é uma Pessoa, um Indivíduo, mas Ele é algo mais do que isto. Na Sua Pessoa há a incorporação deste vasto, este abrangente, sistema de pensamentos Divinos, de elementos Divinos, de leis Divinas, princípios Divinos e natureza Divina. Este universo físico que conhecemos, e estamos aprendendo cada vez mais, é um sistema vasto de leis e princípios. Ele é um grande todo, relacionado, interdependente, movendo-se em conjunto por influências e forças e marés, associado como uma maravilhosa ordem e harmonia, nada toma seu próprio curso independente, nada sem relações, nada que não seja afetado pelo resto; é um maravilhoso conjunto. E o conhecimento deste universo físico é mais que uma matéria de aplicação de uma vida, estudo de uma vida. Ele tomou todas as gerações desde o princípio para se alcançar até mesmo o ponto o qual aqueles que sabem o que há ainda para ser conhecido hoje, o seu próprio cérebro vacila quando você lê de distâncias e velocidades neste universo, a velocidade na qual a luz viaja, e todas essas coisas; digo que ele é uma ordem vasta, e é necessário mais do que uma vida de estudo para compreender.

Mas, meus caros amigos, dissemos que o universo físico é só um símbolo, um tipo, do espiritual, e Cristo é um universo, um universo de leis espirituais, de princípios espirituais, de forças espirituais. Cristo é uma unidade vasta, uma maravilhosa harmonia, e quando você começa a vislumbrar isto, você apenas começa a entender o que os Apóstolos viram ou começaram a ver quando eles mesmos são encontrados no aperto de uma indagação apaixonada para conhecê-lo. "Que eu possa conhecê-lo" (Filipenses 3:10). "Considero todas as coisas como perda pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, o meu Senhor" (Fil. 3:8). Isto até no fim de uma vida de aprendizagem de Cristo, isto até depois de maravilhosas revelações no próprio céu de coisas inexprimíveis que não é lícito para um homem proferir; ainda no aperto desta indagação tremenda - "que posso conhecê-lo."

Então você entende também por que há esta exortação, esta constante crescente exortação para que os crentes prosseguirem em conhecer o Senhor, para que continuem conhecendo. Você sabe o significado de um pequeno prefixo que é, penso, tremendamente impressionante. Eles não falam só do conhecimento, o conhecimento de Cristo, o conhecimento de Deus, o conhecimento do Senhor; eles nem sempre usam esta palavra "gnosis", mas você descobre depois, na medida em que eles prosseguem, que eles introduzem esta combinação "epignosis". "Até que alcancemos para ... o conhecimento cheio..." (EFé. 4:13); não simplesmente "o conhecimento" agora. Isto aos efésios, que estavam bem em termos de conhecimento. (Se você se preocupar em procurar o uso desta forma

peculiar da palavra, você o encontrará tremendamente impressionante, como ele está procurando levar os crentes para além de até mesmo uma fase bastante amadurecida da vida espiritual.) Aqui, então, está a própria busca deles; aqui está a exortação deles para os santos, porque eles vislumbraram pela revelação do Espírito Santo algo desta vasta plenitude de Cristo. Ele é um universo, um sistema novo e inteiramente diferente de coisas espirituais. Quem sabe algo sobre ele? O que sabemos sobre Cristo? Podemos ter sido povo do Senhor por muitos anos. O fato é que quanto mais vivermos e quanto mais estivermos associados e em contato com coisas de Cristo, mais somos esmagados com a nossa ignorância, porque estamos percebendo que Cristo é uma terra de longas distâncias. Ele está tão além de nós, não podemos compreendê-Lo. "Irmãos, quanto a mim mesmo não julgo ter alcançado" (Fil. 3:13). Isto é Paulo perto do fim do seu curso. "Continuo," "para que possa conhecê-lo." Sim, Cristo é um universo de pensamentos Divinos, leis Divinas, princípios Divinos, tudo de caráter muito prático, e realmente quero sublinhar esta afirmação, porque o que estou dizendo pode ser considerado como algo muito abstrato.

Mas volte à analogia, ao tipo. São essas coisas no universo físico abstratas? São elas sem significação e valor prático? Sabemos que essas forças e essas leis em operação são as mesmas coisas que permitem a vida nesta terra. O que aconteceria se não fosse o efeito dos corpos celestes sobre a terra? As próprias marés do mar são governadas por corpos celestes. Cada vez a maré cresce nas costas, é em resposta a um grande corpo governante nos céus. Cada vez a maré retrocede e sai, ela está simplesmente obedecendo a um poder celeste; e as marés são de valor, elas realmente significam algo. E em muitas outras conexões a coisa se dá dessa forma. A nossa vida aqui nesta terra só é possível por causa deste universo ordenado; e neste universo de Cristo a nossa própria vida, a nossa própria chegada ao grande propósito para o qual estamos destinados por Deus, depende da nossa resposta às leis de Cristo, da nossa reação às influências de Cristo, e do nosso conhecimento dessas coisas - porque neste terreno é a vontade de Deus que entendamos essas coisas, devemos ter compreensão em Cristo, devemos ser inteligentes. No que se refere a este universo físico, para conseguir os benefícios não precisamos ser todos cientistas. Estamos obtendo os benefícios todos os dias sem entender alguma dessas coisas; mas no reino espiritual é vontade de Deus que saibamos.

Enxergando a Grandeza de Cristo Pelo Espírito Santo

Tudo isso nos traz à toda esta matéria do Espírito Santo. O que sabemos de Cristo no fim afinal de contas? Se o conhecermos como o nosso Salvador, o nosso Redentor, o nosso Senhor, o nosso Sumo Sacerdote, o

nosso Advogado, de todos esses modos, o que sabemos Dele afinal de contas? Isto não é nada. Paulo sabia tudo isto, mas aqui ele está dizendo e agindo como quem não sabia nada, porque o conhecimento ainda a ser adquirido estava muito longe de tudo já alcançado. Não sabemos nada.

Mas o advento do Espírito, a vinda do Espírito, tinha toda esta questão em vista - conduzir-nos a este vasto universo que é Cristo, este maravilhoso sistema e ordem espiritual de coisas das quais Cristo é a corporificação, fazer-nos saber em progresso e desenvolvimento contínuo mais da significação de Cristo. Sei que não estou conseguindo transmitir-lhe a impressão tremenda que isto fez no meu próprio coração, como tenho pensado sobre isto, como isto me veio. Como estou muito atrás desses Apóstolos, mas escuto o que eles dizem, a impressão em primeiro lugar é que esses homens viram evidentemente algo em Cristo que é imenso e isto removeu de suas vidas qualquer coisa que tivesse natureza de satisfação espiritual com a compreensão que tinham, com o que tinham obtido.

Isto que eles vislumbraram fez deles homens que se entregaram ao máximo a fim de conhecer tudo o que era possível conhecer, não porque eram simplesmente homens de mente curiosa, que queriam saber apenas por saber, mas porque entenderam que aquele conhecimento era o pleno propósito de Deus para as suas próprias vidas e que suas vidas estavam relacionadas a um Corpo, o Corpo de Cristo. A Igreja jamais chegará a esta realização, e os seus membros individuais jamais crescerão, exceto se a Igreja e seus membros vislumbrarem algo da grandeza de Cristo. O caminho do crescimento espiritual é o vislumbamento da grandeza de Cristo pela revelação do Espírito Santo, e foi por isso que Paulo orou da maneira como orou "tendo os olhos do seu coração iluminados, para que podeis conhecer qual é a esperança da Sua vocação, e quais as riquezas da glória da Sua herança nos santos, e que a grandeza do Seu poder para os quem crêem" (Efé. 1:18-19); para que vocês possam conhecer isto através de Ele lhes dando "um espírito de sabedoria e de revelação em 'epignosis' (no pleno conhecimento) Dele." É assim que a Igreja irá crescer, é assim que os santos farão o aumento – vendo de uma nova forma quão vasto e grande é Cristo.

Você não concorda que entre todas as necessidades que existem hoje no povo de Deus uma das mais potentes é a necessidade de ser liberto do contentamento espiritual, satisfação com uma pequena medida da vida cristã? Há uma triste, uma trágica ausência de uma busca realmente adequada para conhecê-Lo. Oh, eu sei que isto necessita possivelmente de qualificação e cobertura. Há muitas pessoas que dizem que querem conhecer e querem prosseguir, mas a sua busca, o seu desejo, não é daquele caráter, daquela natureza obtida no caso do Apóstolo Paulo -

"considero tudo como perda pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor." TODAS AS COISAS.

Com muitos cristãos e obreiros cristãos, se você tocar sua obra, sua organização, seu sistema de coisas, a coisa religiosa da qual fazem parte, então você encontra terrível resistência. Preconceitos, suspeitas e todas essas coisas são conseqüências dessa devoção a coisas mais do que ao Senhor. Se as pessoas fossem devotas apenas do Senhor, e se Ele fosse a única busca delas, você ficaria livre de 95 por cento de todos os preconceitos e suspeitas que existem. São as coisas que produzem isto. Precisamos abrir mão de nossas coisas e nos interessarmos apenas pelo Senhor. Nossa única pergunta, que dominasse cada situação, deveria ser: Isto contribui de alguma forma para o aumento de Cristo? Se contribui, então em meu coração eu estou de acordo; não importa o que cause a instituições existentes. Se isto pode levar a um conhecimento de Cristo além do que temos, então isto é o que interessa. É Cristo, não NOSSA Igreja, não NOSSA entidade, não NOSSA missão, não NOSSA tradição, mas Cristo. Ele é o tremendo fator de aumento e de emancipação. São essas coisas que nos têm paralisados e nos tornado pequenos, mesquinhos, insignificantes e obstinados. Cristo liberta, Cristo aumenta; oh, vê-Lo! Oh, que possamos ser trazidos pelo Espírito como a Rainha de Sabá foi trazida, a fim de ver o reino de Salomão, sua glória, sua mesa, seus servos, até que não houvesse mais nela qualquer dúvida e falasse: "Eu não cria naquelas palavras, até que vim e os meus olhos o viram; eis que não me disseram metade" (I Reis 10:7). E aquele que é maior do que Salomão está aqui! O que você e eu precisamos é desse aumento que vem por uma revelação interior de Cristo por meio do Espírito Santo, e seremos emancipados. Aquelas outras coisas irão voltar a seus próprios lugares quando O virmos mais plenamente.

Este, então, é o exato significado de o Espírito Santo ter vindo. Digo novamente, o que conhecemos? Quão pequeno é o nosso conhecimento! Ah, mas Deus sabe disso, e o Espírito de Deus chegou. Para que? Para ficar a nosso serviço, para nós O usarmos, para que Ele se encarregue de nos dar proeminência e importância, e nome e reputação? Não, Ele não veio para outro propósito que não o de fazer com que o Filho de Deus cresça cada vez mais nos santos, para fazer Cristo na Igreja o que Ele é diante de Deus, para que Ele possa se tornar na Igreja a 'plenitude daquele que cumpre tudo em todos'. Este é o propósito do Espírito Santo em ter vindo. Bem, que herança temos nós quando temos o Espírito Santo! – 'o Espírito que é o PENHOR de nossa herança' (Efé 1:4). Com o Espírito Santo, toda a herança está segura e garantida. Tendo o Espírito Santo, toda a plenitude é potencialmente nossa.

Agora, precisamos ser ensinados pelo Espírito, e o Espírito Santo não nos ensina a partir de um livro, através de um manual. Ele não nos ensina meramente por meio de conferências e palestras, não por meio de palavras em si. O Espírito Santo ensina por meio de experiência prática, e o instrumento através do qual o Espírito Santo ensina Cristo é a Cruz de Cristo. Você e eu não iremos aprender coisa alguma exceto se o Espírito Santo tornar a Cruz de Cristo uma realidade em nós. Iremos chegar a isto daqui a pouco.

A Unidade De Cristo

Estou, antes de qualquer coisa, interessado nesta ênfase sobre a grandeza de Cristo, a vastidão de Cristo, e o fato de que o Espírito Santo veio para trazer esta grandeza para dentro da Igreja. Há muitos detalhes ligados a isto. Fizemos referência às leis, relações, dependências e inter dependências deste universo físico. Cristo é isto; difícil como o universo é para nós entendê-lo, Cristo é assim. E, então, a Igreja é para ser a reprodução do que Cristo é, de modo que no Corpo de Cristo você encontra todas essas leis de inter relação, de inter dependência, e nenhum membro do Corpo pode dizer a outro membro, por mais remoto que o outro membro possa estar em questão de distância e posição: “Eu não preciso de você” (I Cor. 12:21). A cabeça não pode dizer aos pés – há os seus extremos! ‘Porque você está tão distante de mim, eu não dependo de vocês’. Não pode ser. “O olho não pode dizer para as mãos: Não tenho necessidade de vocês”. Proximidade não faz diferença nesta questão, distância não faz nenhuma diferença. A relação constitui o Corpo um conjunto perfeito, uma perfeita harmonia, todo inter dependente, inter relacionado. Isto é Cristo. “Assim também é Cristo” (I Cor. 12:12).

E, no terreno do Espírito, este tipo de coisa acontece. Precisamos, naturalmente, de percepção espiritual para sermos capaz de entendermos isto. Pode ser que muito de experiência espiritual que não possa ser explicada absolutamente por nada dentro do círculo imediato de nossas vidas se deva a algo que esteja ocorrendo com algum filho de Deus que esteja muito distante de nós geograficamente. Podem haver alguns conflitos tremendos numa vida, ou numa companhia de filhos de Deus do outro lado do mundo, e, porque o Espírito é um, estejamos envolvidos naquele conflito, e estejamos atravessando por uma situação, e somos levados a orar, e a questão é uma só. A Geografia não afeta isto. Muito freqüentemente nós não entendemos qual o significado daquilo pelo qual estamos passando. Sabemos de algumas coisas em nossa experiência espiritual, algo está acontecendo, há conflito, há pressão, e não há nada imediatamente ao nosso redor que explique aquilo. Não há motivo para isso até onde podemos ver aqui e agora. Mas há alguma questão na

balança, alguma questão sobre a qual há conflito espiritual em algum lugar, e, porque o Espírito é um, e o Corpo é um, estamos ligados a este conflito.

Esta é a unidade, a harmonia de Cristo, esta é a interação dessas leis de um Corpo, um novo sistema espiritual. Alguns de nós sabemos quão verdadeiras são essas coisas e quão práticas são. Se a Igreja apenas tivesse inteligência sobre isto e vivesse à altura de sua inteligência, que perda haveria para o inimigo! Quão freqüentemente os filhos de Deus são pegos interpretando mal suas experiências, as coisas que estão acontecendo, o que está acontecendo numa outra vida. O inimigo coloca uma construção falsa sobre uma coisa, e, ao invés de fazer com que as pessoas envolvidas fiquem juntas, para cooperar para a vitória, ele as separa por meio de uma interpretação errada. Se a Igreja enxergasse esta unidade espiritual, esta inter relação espiritual, esta inter dependência, e se apegasse a isto, que coisa poderosa a Igreja seria aqui neste universo! E este é o sistema espiritual que Cristo é, que é para ser constituído em Sua Igreja, reproduzido em Sua Igreja.

Você diz que isto é algo impossível para ser esperado em relação a Igreja toda. É uma idéia muito bonita, mas quais são as possibilidades de realização? Bem, não podemos rejeitar isto desta maneira. Temos que voltar. A coisa irá começar, talvez, entre dois de nós, e isto irá constituir um terreno suficiente para ensino e para a vitória, para entendimento. Até mesmo a perfeita harmonia de dois filhos de Deus é causa de terrível batalha, mas consiga isto e veja que coisa efetiva ela é para Deus! E é por causa disto que a batalha se acirra – simplesmente para separar dois filhos de Deus que estão vitalmente relacionados. Satanás sempre tem tentado isto, e que coisas surgem para fazer isto!

A Cruz - Básica Para Toda Obra Do Espírito

Isto nos traz para aquilo que estivemos trabalhando, a Cruz e o Espírito Santo; pois a base e a porta para toda obra do Espírito é a Cruz. Você irá, com o mais leve conhecimento do Velho e do Novo Testamento, imediatamente recordar muito daquilo que traz esses dois juntos. De volta aos tipos vemo-los trazidos juntos; no fogo sobre o altar – o altar tipificando a Cruz, e o fogo sobre o altar tipificando o Espírito consumindo o sacrifício. Ou novamente, como em Êxodo 17, a rocha ferida e o jorrar de água – a Cruz e o Espírito. Ou, vindo para o Novo Testamento, o Jordão do batismo de nosso Senhor mostrando em tipo a Sua morte, sepultamento e ressurreição, imediatamente resultando no Céu aberto e o Espírito em forma de pomba repousando sobre Ele – a Cruz e o Espírito. Ou, voltando com isto em mente para a origem de Israel como nação, o cordeiro morto, o sangue aspergido, o pilar de nuvem e fogo assumindo a direção

imediatamente – o Espírito por via da Cruz, tudo apontando para a grande realidade inclusiva, o Calvário e o Pentecoste. É sempre desta forma. Os dois estão sempre juntos. E esses não passam de seleções fragmentárias de uma vasta quantidade na Palavra de Deus que mostra esta íntima e inseparável unidade entre os dois.

Quando chegamos ao Senhor Jesus, sabemos que Suas próprias mensagens e discursos sobre o Espírito Santo de uma maneira específica e definida eram reservados até a véspera da Paixão. Foi quando a sombra da Cruz se projetou plenamente em Seu caminho que Ele começou a falar sobre a vinda do Consolador e o que esta vinda iria significar para eles; e Ele nunca disse: ‘Recebam o Espírito Santo’ (João 20:22) até que Ele pudesse mostrar a eles as Suas mãos e o Seu lado, Suas mãos furadas, Seu lado traspassado. Assim como o Espírito veio sobre Ele por ocasião de Sua morte simbólica no batismo, da mesma forma o Espírito O conduziu para a cruz real, onde nos é dito que Ele ‘Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus?’ (Heb. 9:14). Bem, se fosse necessário, muito mais poderia ser acrescentado para mostrar como os dois são mantidos juntos – a Cruz e o Espírito. A Cruz leva ao Espírito e o Espírito sempre traz de volta para a Cruz.

Por que a Cruz é a base para a obra do Espírito? Nossa passagem em Gálatas 3 nos dá a resposta. Porque existe uma maldição, e ela repousa agora sobre a velha criação, ‘Cristo nos resgatou da maldição da lei, tendo se tornado maldição por nós’, ou, literal e corretamente, ‘tendo se tornado maldição em nosso lugar’. A raça humana por natureza está debaixo de uma maldição e o Espírito Santo jamais pode, jamais, vir sobre uma coisa amaldiçoada. A promessa do Espírito jamais pode ser cumprida naqueles que ainda permanecem debaixo da maldição. A maldição precisa ser removida, pois o óleo da unção não virá sobre nenhuma carne; ‘Não se ungirá com ele a carne do homem’. A maldição precisa ser removida, e Cristo nos resgatou da maldição da lei, tendo se tornado maldição em nosso lugar, a fim de que pudéssemos receber a promessa do Espírito. O remover de toda uma condição e estado sob maldição para abrir caminho para o Espírito – esta é a resposta. Aí está a necessidade da Cruz e da nossa identificação com Ele que foi feito maldição por nós. E, desconfortável e desagradável como isto possa soar, o fato é que, quando o Espírito Santo realmente começa a trabalhar numa vida, de um lado o curso e a história para esta vida é tal que a ponto de torná-la bem ciente de que a carne é uma coisa amaldiçoada.

Não há pessoas neste mundo que estejam mais preparadas para admitir e reconhecer a natureza amaldiçoada da carne do que aquelas que têm o Espírito. É o próprio caminho rumo à glória descobrir quão amaldiçoada a

carne é. Isto é um lado. Não há dúvida de que muitos de nós sabemos algo sobre esta história. O Espírito Santo realmente torna o significado da Cruz conhecido naquele sentido que a Cruz fala de um lugar onde a maldição está, e nós estamos lá em Cristo. Algo no caminho tem que ser removido.

Aqui, no caso desses Gálatas, o Apóstolo diz que eles tinham começado no Espírito; esperavam eles realmente ser aperfeiçoados na carne? E, trazendo esta passagem, isto torna a questão bastante enfática e terrível. Tendo começado no Espírito – o que pressupõe que você está fora da maldição, a fim de ser capaz de fazer um começo absolutamente, de ter alguma perspectiva de prosseguir – você pensa que será aperfeiçoado voltando para debaixo da maldição? Não; o argumento é que isto é apenas fechar a porta novamente, é cortar toda perspectiva, é barrar o caminho para qualquer ulterior progresso. ‘Tendo começado no Espírito, está você agora se aperfeiçoando na carne?’ A dedução, embora não exatamente afirmada, mas muito claramente implicada, é que, tendo começado no Espírito, somente é possível continuar no Espírito no mesmo terreno em que você começou. Isto é, pela Cruz você escapa e se mantém continuamente afastado daquele terreno de maldição; ou, em outras palavras, o seu progresso requer a posição contínua à qual a Cruz traz você, exatamente da mesma forma como o seu começo exigiu esta posição. Isto é, continuar é continuar no Espírito.

Mas você pode continuar no Espírito apenas do mesmo modo como iniciou no Espírito. Isto somente foi possível pela Cruz removendo a maldição, o velho homem, o velho homem amaldiçoado. Assim que, continuar no Espírito, seguir na direção de tudo aquilo que o Espírito deseja e procura, requer um remover contínuo da carne, um manter-se removendo a carne pela Cruz. Assim, o Espírito mantém a Cruz em evidência, e a Cruz torna todo o propósito do Espírito possível.

Nós não temos que estar continuamente preocupados com a nossa crucificação; o Espírito Santo irá se encarregar disso. Nós temos que caminhar no Espírito. Para fazer isto temos apenas que obedecer ao Espírito. É positivo, não negativo.

Nas Cartas do Novo Testamento temos uma aplicação de muitos aspectos da Cruz como o instrumento do Espírito. Vamos olhar para alguns deles. Primeiramente temos ‘Romanos’, que tem a ver com:

A Cruz e o Corpo do Pecado da Carne

Até o capítulo 7 tudo se concentra na Cruz e gira em torno dela. A Cruz é o grande assunto em direção a que tudo é conduzido. O apóstolo trabalha seu caminho inteira e firmemente para este clímax. Tudo que está nesses sete capítulos encontra o seu fim na posição mostrada nas palavras do

capítulo 6:3-11, e especialmente nos versos 3,5,6: “Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição; sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado”. Até que isto se torne uma posição estabelecida e experienciada, a revelação de uma vida no Espírito não é tocada. Mas, quando isto se torna básico, então temos tudo aquilo que segue sobre a Presença e Obra do Espírito.

" Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. " (Romanos 8:9).

" Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. " (Romanos 8:2).

" Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz." (Romanos 8:6). E assim por diante.

Aqui, então, a ênfase específica está sobre o fato de que, para que a Presença e Obra do Espírito Santo na crente e no ‘Corpo’ (capítulo sete) sejam realmente conhecidas, todo o corpo do pecado (o homem fora de Cristo, sendo uma criatura pecadora e que está debaixo do julgamento e da condenação) deve ser – não reformada, remediada, improvisada, educada com coisas melhores – mas deve ser crucificada e sepultada; não apenas pecados sendo removidos e perdoados, mas a PRÓPRIA PESSOA colocada de lado. Como homem a pessoa deve desaparecer da vista de Deus, seu bem(?) e seu mal. Ele pertence por natureza à uma raça que não mais está nos planos de Deus. Deus abandonou esta raça e fez uma ‘nova criação’. Cristo, na ressurreição, é o ‘Primogênito entre muitos irmãos’. Ele é o ‘Último Adão’, significando que, como o Primeiro de uma nova raça, uma nova humanidade, final está com Ele; não haverá necessidade de outra. Este ‘último Adão’ deu um passo atrás – por assim dizer – e, antes de se tornar na ressurreição o ‘Primogênito dentre os mortos’, Ele reuniu toda a raça do primeiro Adão e representativamente levou-a para o pleno julgamento do abandono da parte de Deus, clamando ‘Deus Meu, Deus Meu, por que Me abandonaste?’ Esta é a última lembrança de Deus em relação à toda raça do primeiro Adão. Somos chamados a reconhecer isto, a tomar uma posição e fazer uma declaração que aceitamos a morte de Cristo como sendo nossa morte, e Seu sepultamento como sendo o nosso.

O Novo Testamento diz que é esta declaração que o batismo faz, ou que esta declaração é feita no batismo.

Embora muito mais devesse ser dito sobre este assunto, vamos resumir isto nesta observação inclusiva, que a posição em 'Romanos' é o fundamento de Deus, e ele abrange tudo. Uma vida governada pelo Espírito Santo será trazida de volta para as implicações da Cruz como o fim do velho homem. Haverá uma crise básica, porém, através dos anos poderá haver muitas outras crises nas quais teremos que recorrer à posição inclusiva original sobre as questões da carne que têm surgido. A posição final que a Cruz estabelece e na qual o Espírito Santo trabalha é que tudo será - em toda direção e conexão - somente Cristo, e não nós mesmos em qualquer consideração. Assim, somos levados para a próxima aplicação específica da Cruz, como na Primeira Carta aos Coríntios.

A Cruz E O Homem Natural

Aqui as pessoas referidas estão em Cristo. No que diz respeito à situação em 'Romanos', quanto a 'Justificados em Cristo', a posição está correta. A posição deles está completa; eles aceitaram a Cristo como seu substituto. Não é que eles estejam na carne, mas que a carne está neles, e eles estão sendo grandemente influenciados e impulsionados por considerações naturais. No caso deles é o homem natural ou almatíco quem está dominando o homem espiritual. 'Natural' em 1 Coríntios é, no Grego, 'almático'. O apóstolo explica o que significa 'almático' quando ele mostra que as próprias mentes, corações e vontades deles estão governando, ao invés da mente de Cristo pelo Espírito Santo. Seus arrazoamentos, julgamentos, idéias, padrão de valores - 'a sabedoria deste mundo' - resultam numa falta de espiritualidade e num comportamento oposto ao de Cristo. A vida da alma encontra o seu caminho até mesmo dentro dos campos mais espirituais, como por exemplo, os dons espirituais, a fim de usá-los para glória pessoal; a Mesa do Senhor, a fim de torná-la em gratificação pessoal; etc. Assim o progresso deles rumo ao pleno propósito de estar 'Em Cristo' é retardado; eles não são espirituais, mas 'carnais'; não pessoas maduras, mas 'bebês'.

Em relação a isto o apóstolo diz: 'Eu decidi nada saber entre vós, exceto a Jesus Cristo, e este crucificado' (1 Cor. 2:2). O que se precisa é desta aplicação da Cruz, não para nos tornar homens e mulheres salvos, no sentido genérico, mas para nos libertar de nossas próprias almas quando elas suplantam a vida do Espírito em nós. A Cruz abre o caminho para o Espírito, e o que deve ser lidado é com o domínio de nossa própria vida da alma.

Passamos para outra fase da Cruz e o Espírito Santo quando chegamos à Carta aos Gálatas. Aqui está:

A Cruz E O Legalismo

Você irá se lembrar de quanto há nesta carta concernente ao Espírito e a Cruz. Olhe para as seguintes séries de passagens – (a) Capítulo 3:2-3,5,14; 4:6; 5:5, 16-18,22,25; 6:8. (b) 2:20; 3:1; 5:24; 6:14.

Qual, então, é o ponto nesta combinação dos dois – da Cruz e do Espírito? Os gálatas estavam sendo pressionados e tentados a retornar para a antiga ordem legal de ‘Você deve’ e ‘Você não deve’; para a imposição externa de todo sistema de regulamentos e regras religiosas; para a camisa de força do legalismo. Legalismo não é somente judaísmo, é uma persistente tendência. É a coisa mais fácil de se cair nele. É muito fácil para uma pessoa que tem o Espírito começar a repreender os outros; a dizer: ‘Você deve (ou, não deve) fazer isto ou aquilo’; ‘Você deve renunciar (ou adotar) isto ou aquilo’. Assim a camisa de força da escravidão da lei é imposta, e se é esquecido de que a principal necessidade não é da lei, mas sim que o Espírito possa ser Senhor em nosso interior, e que, quando isto ocorre, muitas coisas irão cair por terra, e as pessoas em questão irão conhecer o que o Senhor requer delas. Este, como diz o apóstolo nesta carta, é o caminho da filiação e da liberdade. Podemos confiar no Senhor em nós, e não é preciso de que mãos sejam colocadas sobre as vidas para governá-las. Que seja dito muito definitivamente aqui que, como foi particularmente a circuncisão que ocasionou esta carta aos gálatas, assim pode ser (e geralmente é) uma ou mais ordenanças, ou formas, ou observâncias cristãs as quais são transformadas em pontos focais de pressão legalista. Importante como possam ser tais coisas, não podemos ficar tão confiantes e afirmar que elas podem seguramente ser submetidas aquilo que é supremamente importante, isto é, se a Cruz realmente tem sido tão verdadeiramente trabalhada numa vida a ponto de libertá-la da escravidão da tradição, da aceitação popular (e de fato tudo isso não passa de uma carta separada do Espírito), abrindo, assim, um claro e pleno caminho para a absoluta soberania do Espírito Santo dentro dessa vida, todas aquelas coisas cuidarão de si mesmas, e serão trazidas (isto é, aquelas que forem requeridas pelo Senhor) de uma forma VIVA, e não legalista e morta. Mas que poderosa obra é para a Cruz ter libertado da herança de gerações! Formalidade e finalidade são características de um sistema legalista, que tornam o crescimento espiritual impossível. Verdade sem vida é fatal, assim como justice sem amor. Preconceito e suspeita são frutos do fardo de algumas COISAS religiosas e não do Espírito

É possível ter a mais perfeita ordem e estrutura do Novo Testamento, e a mais devotada fidelidade a carta da Palavra, mas ser completamente

destituído de vida e de unção. Isto usualmente se deve a falta de uma profunda e experimental obra da Cruz e conseqüente obstrução do Espírito.

Cada um desses aspectos da Cruz e do Espírito Santo precisa de um volume para si mesmo, e apenas somos capazes de dar aqui os pontos vitais. Vamos agora passar para aquelas cartas parceiras que conhecemos como 'Efésios' e 'Colossenses', porém mais propriamente, cartas circulares às igrejas numa determinada área. Aqui a aplicação particular se refere a:

Libertação Das Coisas Terrenas

E a questão em vista é A PLENITUDE DE CRISTO. Em 'Colossenses' é plenitude em Cristo como Cabeça da Igreja, o Corpo. 'E ele é a cabeça do corpo, da igreja... Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse'(1:18-19). '...Em quem estão escondidos todos os tesouros...' (2:3). 'Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade; e estais perfeitos nele...' (2:9-10), etc.

Em 'Efésios', a plenitude está em Cristo NA IGREJA. '... constituiu-O como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos. (1:22-23). '...para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus'(3:19). 'Até que todos cheguemos...à medida da estatura completa de Cristo' (4:13).

Tudo isto é revelado para ser o objeto do 'propósito eterno', 'o conselho de Sua vontade'. Isto data de antes dos tempos eternos e vai prosseguir para 'as eras das eras'. É um plano Divino vasto e indizível, plano este ao qual nem todos irão chegar. Ele custou ao apóstolo muita labuta, agonia, e esforço em favor da Igreja. (Col. 1:28; 2:1).

Este 'alcançar' exige uma aplicação especial da Cruz e conseqüente operação do Espírito Santo. Uma frase particularmente característica dessas cartas é 'lugares celestiais'. Em 'Efésios' aparece cinco vezes, e o assunto é continuado em 'Colossenses' (Efé.1:3,20; 2:6; 3:10; 6:12; e Col. 3:1-2). Isto é mostrado para significar uma posição espiritual, vida, e vocação, e quando olhamos para o contexto, descobrimos que é de implicações muito práticas. Naturalmente está especialmente relacionado à Igreja, o Corpo, e é corporativo; mas o que é verdade do Corpo deve ser verdade de cada membro, por isso as muitas exortações pessoais. As implicações práticas referidas se combinam para enfatizar que esta 'plenitude' é celestial e espiritual, e por esta razão, os crentes – se quiserem alcançar, não a salvação, mas o 'propósito' – devem viver na linha celestial. Assim, todos os aspectos meramente terrenos, como fatores governantes, têm que serem deixados para trás. Aí entra a

nacionalidade. 'Não pode haver grego nem judeu'. Temos que deixar este terreno, tanto em relação a nós mesmos como em relação aos outros. Se permanecermos no terreno da nacionalidade, que não significa apenas nacionalismo, mas temperamento e disposição, iremos interromper o crescimento espiritual. O mesmo se aplica ao social 'escravo, livre'; à raça ou civilização 'bárbaro, cita'; a ritos religiosos – 'circuncisão, incircuncisão' (col. 3:10,11)

O ponto é o seguinte: Cristo está no céu. Ele está lá como a 'Cabeça do Corpo'. Cristo é essencialmente um Homem celestial, representante de uma nova humanidade, não desta raça dividida, conflitante, caótica, desorganizada. Ele é diferente. A plenitude Divina somente será conhecida Nele. Temos que abandonar o terreno desta humanidade em cada aspecto e VIVER NO TERRENO DE CRISTO – onde 'Cristo é tudo em todos'.

Fazer de outra forma é diminuir Cristo, dividir Cristo, e limitar Cristo.

O Espírito Santo veio para levar a Igreja a esta posição e plenitude celestial – e ela, como 'Um Corpo', não pode admitir ou tolerar cismas ou divisões, exceto para sua própria destruição. Por isso temos, nestas cartas parceiras, muito sobre o Espírito Santo. Veja Efésios 1:3 (ao invés de 'benção espiritual' deveria ser 'benção do Espírito') 1:13-14,17; 2:18,22; 3:5,16; 4:3-4,30; 5:9,18; 6:17-18; Col. 1:8.

Mas esta obra do Espírito exige que a Cruz realmente fique entre a terra e o céu, e que – por causa disso – numa compreensão espiritual verdadeira, temos assumido nosso lugar com Cristo no Céu. "E nos fez assentar com Ele nos lugares celestiais em Cristo Jesus'

Por causa da posição avançada estabelecida, a Cruz é grandemente aceita de forma absoluta em 'Efésios'.

"Temos nossa redenção através de Seu sangue, o perdão das nossas ofensas". "A excelente grandeza de Seu poder para conosco, que cremos... que operou em Cristo, ressuscitando-O dos mortos..." "Estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo "" vos despojeis do velho homem." "E vos revistais do novo homem" (Efésios 1:7,19; 2:1,6; 4:22,24).

Em Colossenses está ainda mais definido. (Ver Colossenses 2:11-13,20; 3:3,9).

É uma revelação vasta que é dada nessas cartas, uma 'terra de grandes distâncias' e de riquezas inesgotáveis. Nós somente iremos nos manter fora dela se vivermos e formos movidos sobre considerações terrenas. Aqui somos proibidos de falar de forma discriminadora, ou de forma favorável ou desfavorável, sobre britânicos, americanos, chineses,

alemães, etc.; de distinções sociais; ou de qualquer outra característica da velha humanidade. Se este fosse o nosso campo de negócio e única consideração, então poderíamos ter que ser bastante fingidos; mas nos interesses de Cristo e da Igreja estamos crucificados para tudo isso, e agora procuramos conhecer os crentes somente no terreno de Cristo. Somente assim pode haver a edificação do Corpo. Há muitos outros fatores que fazem divisão entre o povo de Deus, tanto em relação a sua constituição natural como a sua aceitação religiosa. A Cruz é o remédio para tudo isso, e o Espírito de Deus requer a Cruz para que a plenitude espiritual seja alcançada.

Nossa palavra final para o momento irá sair da carta aos Filipenses. Ela é o clímax da vida ressurreta.

A Cruz e o Trono

Em primeiro lugar, o caso de Cristo é citado como um exemplo. "Subsistindo em forma de Deus... esvaziou-Se a Si mesmo, assumindo a forma de servo... humilhou-se a Si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de Cruz. Por isso também Deus O exaltou soberanamente, e Lhe deu um Nome que está acima de todo nome..."(2:5-9)

Então o apóstolo é visto estar aspirando com uma grande aspiração a algo que ele chama de 'o prêmio da soberana vocação' (3:14). Parece muitíssimo como que se isto tudo faça parte do chamado e promessa aos vencedores da Igreja de Laodicéia. 'Aquele que vencer, a este será concedido que se assente comigo em meu trono...' Apo. 3:21)

Assim, fica claro a partir das Escrituras que (1) nem todos irão 'alcançar', (2) uma obra especial da Cruz é básica para se alcançar. A Cruz tem que tratar com a nossa 'disposição mental'. 'Tende em vós este sentimento'. 'Esvaziou-se a Si mesmo'. Este 'sentimento' é visto em Paulo. 'Considero todas as coisas como perda... e as considero como refugo'. Em relação ao TRONO, tanto Cristo quanto Paulo renunciaram todos os 'ganhos', 'posições', 'direitos', 'reputações', 'vantagens' PESSOAIS; este foi o modo e a obra da Cruz. 'Obediente até a morte'. 'conformando-nos em Sua morte'.

É tudo uma questão de 'disposição mental'. Houve uma situação que representou um impedimento real a este "avançar" e 'alcançar', uma ameaça real ao 'prêmio'; um desafio real à 'soberana vocação'. Duas pessoas não tinham o mesmo pensamento; houve uma discordância e uma ruptura. As implicações parecem ser que interesses pessoais e considerações terrenas eram a força desta tensão. Somente quando a Cruz tratou DAQUELA 'disposição mental', e abriu caminho para a mente de Cristo, pode o caminho ser clareado para se compreender aquilo para o

qual eles tinham sido presos por Cristo Jesus. Satanás é terrivelmente contra os santos chegarem ao TRONO. Este TRONO e este Nome Transcendente significam sua derrota final. Ele sabe que uma 'disposição mental' que não resulta em morte para o ego e em Ressurreição para Cristo apenas pode frustrar este 'chamado' Divino. Tudo, então, tem a sua razão de ser por causa desta 'união-Trono' - "Romanos,""Coríntios,""Gálatas""Efésios,""Colossenses" e "Filipenses" em sua específica e crescente aplicação da verdade de que o Espírito sempre trabalha por meio da Cruz, e a Cruz sempre leva ao Espírito.

Capítulo 3 - A Cruz e a 'Tão Grande Salvação'

A Terceira seção do nosso diagrama trata da 'tão grande salvação' (Heb. 2:3); uma frase que de imediata mostra sua extensão e abrangência. Sob este termo reunimos várias palavras que representam seus muitos aspectos: Substituição, Representação, Redenção, Justificação, Reconciliação, Regeneração, Filiação, Santificação, Glorificação. A melhor maneira de se ver o significado e o peculiar valor de cada palavra ou obra é fazer uma simples pergunta: Em que condição a palavra indica que o homem se encontra, para que uma obra tal seja necessária?

1. Substituição

O homem é claramente referido como sendo totalmente incapaz de preencher ele mesmo os requisitos Divinos. Tais requisitos iriam destruí-lo completamente e não deixariam qualquer resíduo de esperança, ou perspectiva. Ele está julgado e condenado, e deve morrer. Mas sua morte é mais do que uma morte física, é um estado de consciência de abandono da parte de Deus ao qual o homem será despertado mais cedo ou mais tarde, a menos que seja salvo – isto é inferno! Apenas para alguns o inferno começou nesta vida, pois é parte da ordem Divina que o homem deva viver aqui sob a égide da misericórdia e da graça. Mas, “após a morte segue o juízo” (Heb. 9:27). Graça e julgamento pertencem a duas dispensações diferentes. Este o porquê dos homens abusarem da graça de Deus. A grande marca do tempo da graça é que Deus – na Pessoa de Seu Filho, Jesus Cristo – providenciou um Substituto, que tomou o lugar do homem, ‘tendo sido feito pecado em nosso favor’ (2 Cor. 5:21), e passou por aquela ‘hora’ (que, em sua terribilidade, é uma eternidade) de ser abandonado por Deus. “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” (Marco 15:34). Este Substituto foi oferecido aos homens, pela aceitação Dele por meio da fé - “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29). Isto significa que quando Ele morreu, foi computado como sendo pecado, julgamento, condenação, morte e inferno do homem. É como se o homem tivesse assumido aquilo tudo, mas está salvo. Foi exigido um Substituto que, em Si mesmo fosse sem pecado, para que houvesse isto por trás de tudo, sobre o qual o juízo não tivesse qualquer poder, e sobre o qual a morte e o inferno não tivesse quaisquer direitos. “Não havia nenhum outro bom o suficiente para pagar o preço do pecado”. Por isso Deus pôde levantá-Lo da morte, em virtude de Sua própria impecabilidade inerente. Isto jamais poderia ter sido assim conosco. Tudo o que eu era, Cristo se tornou na Cruz por mim. Tudo o que eu não era e

que Deus exigia, Cristo é para mim na ressurreição. Isto, muito sucintamente, é substituição.

2. Representação

Mas o fato de que isto tenha sido feito por mim por outra Pessoa é apenas um lado da grande obra, e poderia deixar a porta aberta para muitas fraquezas, se a coisa fosse deixada assim. O aspecto complementar é este da representação. “Um morreu por todos, logo todos morreram” (2Cor. 5:14). Na substituição, Cristo morreu por nós; na representação Ele morreu como sendo nós. Isto significa que, na mente de Deus, nós, como pertencentes à velha criação, fomos retirados de vista. Quando tomamos o Senhor Jesus como nosso substituto e representante, somos considerados como estando em Cristo, e é somente desta maneira que Deus nos vê. Quando o apóstolo disse “um morreu por todos, logo todos morreram” Nele, ele continuou dizendo: “para que aqueles que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou”. Isto significa que não podemos tomar a obra substitutiva de Cristo e, então, simplesmente prosseguir como se isto não tivesse qualquer relação com aquilo que somos por natureza. Além do que, não foi apenas o nosso pecado que Ele tomou, mas a nós mesmos; não aquilo que chamamos de ‘mal’, mas a nossa totalidade. O mesmo apóstolo chegou a ver que isto se aplicava a ele como um homem muito religioso no passado, consumido por um fogo de devoção e atividade religiosa. Mas a Cruz representa o zero da velha criação em todos os seus aspectos, natureza e habilidades, e o início de uma nova criação por meio da ressurreição dentre os mortos. É importante e impressionante lembrar de que foi a fiéis que Paulo expôs esta verdade, como na carta aos Romanos.

3. Redenção

A palavra “Redenção” de imediato indica seu próprio significado. O homem foi vendido, ou se vendeu a si mesmo. Satanás ofereceu a Adão uma barganha (?), cegando a sua mente para as reais questões envolvidas. Na incredulidade e conseqüente desobediência a precisa instrução de Deus, Adão negociou sua alma em troca de certas vantagens prometidas, e se vendeu a Satanás e ao pecado, e a raça juntamente com ele. Nesta posição o homem tem permanecido, e a força disto é que Satanás tem direito, porque ele possui o terreno de sua própria natureza. Redenção significa que esses direitos são cortados e transferidos. Isto é feito novamente na Pessoa do Senhor Jesus na Cruz. O grande fato é que EM Jesus Cristo Satanás não possui qualquer terreno de autoridade, porque não tem nenhum terreno de sua natureza. Aí ele é “expulso” (João

12:31). O poder de autoridade de Satanás é a morte. O Senhor Jesus “experimentou a morte em favor de cada homem” (Heb. 2:9), e recebeu em Si mesmo o poder final de Satanás, para que “através da morte destruísse aquele que tinha o poder da morte, isto é, o Diabo (Heb. 2:14). Assim, o homem é resgatado para Deus, e sobre o homem redimido Satanás não possui qualquer direito.

Uma paralelo disto é encontrado num processo legal no qual um escravo grego obtinha sua liberdade e a preservava, e é a este bem conhecido procedimento que sem dúvida alguma o apóstolo Paulo se refere em Gálatas 6:17. O escravo grego, quando desejava garantir sua liberdade, não trazia os seus ganhos a seu mestre e obtinha sua liberdade com seu recibo pelo pagamento; ele ia ao templo do seu ‘deus’, e lá pagava em dinheiro aos sacerdotes, que, então, com este dinheiro comprava o escravo de seu senhor para aquele ‘deus’, e ele se tornava, para o resto de sua vida, escravo desse deus – o que na prática significava liberdade, sujeito a certos deveres religiosos periódicos. Se a qualquer momento seu senhor, ou herdeiros de seu senhor, quisessem reavê-lo, ele tinha o registro da transação no templo. Mas num aspecto os registros eram omissos. Se ele viajasse para longe de casa, e fosse capturado como um escravo fugitivo, que garantia poderia ele ter? Parece que Paulo nos dá a solução. Quando liberado no templo, o sacerdote o marcava com os ‘estigmas’ de seu novo dono. Assim as palavras de Paulo adquirem um novo sentido. Ele tinha sido escravo do pecado e de Satanás; mas fora redimido por Cristo. E sua nova liberdade consistia em ele ser escravo de Cristo. "Doravante, diz ele, ‘ninguém me inquiete; pois trago no corpo as marcas do meu novo Senhor, Jesus Cristo”. A única falha nesta ilustração é, naturalmente, que nenhum homem pode obter os meios para sua própria redenção. Somente Cristo pode prover isto.

4. Justificação

A justificação mostra uma posição para a qual o crente é trazido. Cada um dos passos anteriores leva e diz respeito à justificação. A substituição vê o pecado como uma questão resolvida, a representação vê a velha criação removida e uma nova trazida; a redenção vê a ligação com Satanás e seu reino destruída. Quando essas três coisas são efetuadas, então temos que responder a pergunta! "Como pode o homem ser justo para com Deus?" (Jó 9:2), ou, em outras palavras: Como o homem pode permanecer na presença de Deus como justo, virtuoso? A resposta plena é que fomos justificados em Cristo Jesus. Através da aceitação em fé de Sua obra substitutiva, representativa e redentora, somos agora aceitos Nele e estamos nessa maravilhosa posição de sermos considerados à luz de Suas perfeições. Ele foi feito para nós justiça de Deus. “É a justiça que vem de

Deus por meio da fé" (Rom. 3:22). Esta posição é definitiva do ponto de vista de Deus, e deve ser computada como nossa. É uma posição a ser assumida em sua plenitude pela fé, e mantida como um caminho a ser caminhado por fé. "O justo viverá pela fé" (Gal. 3:11; Heb. 10:38). Satanás jamais irá cessar de tentar nos trazer de volta para o terreno antigo, e isto ele irá fazer sempre trazendo a nós aquilo que somos em nós mesmos, fazendo-nos tirar os nossos olhos de Cristo. Seus métodos são incontáveis, mas a resposta a todos eles é: "Não o que eu sou, ó Senhor, mas o que Tu és", e um permanecer firme olhando para Jesus, o Autor e Consumador da fé.

5. Reconciliação

O justificado está reconciliado. Em nossa condição natural, estávamos alienados de Deus, e em inimizade para com Deus, e de fato ÉRAMOS inimigos de Deus. Apenas são necessárias certas condições para revelar em nós alguma rebelião, mas em Cristo e Sua ponderosa obra de reconciliação em Sua Cruz, "nós que estávamos longe, já pelo sangue de Cristo chegamos perto." (Efésios 2:13); nós que éramos inimigos estamos em paz. Fomos trazidos para a bendita comunhão de uma nova vida e um novo espírito.

6. Regeneração

Regeneração não é algo extra ao que se passou antes, mas é um aspecto ou um fator do todo. Ela revela aquilo que aconteceu em nós. Através da regeneração algo está presente o qual não estava lá antes, uma vida vinda de Deus que somente o nascido de novo possui, uma habitação do Espírito Santo, o que não é verdadeiro em relação às outras pessoas. Este Espírito de vida em Cristo Jesus tem em Si todas as potencialidades de uma nova criação em cada parte. Há uma nova consciência, uma nova capacidade, um novo senso de relacionamento, uma nova direção, um novo padrão, uma nova vocação. De fato, é o nascimento de uma nova criança. Tudo é novo e tem que ser aprendido desde o início. Nós na verdade não sabemos nada dos pensamentos e dos caminhos de Deus, de Seus padrões e propósitos, até que sejamos regenerados. A liberdade e a plenitude na qual nos movemos em nossa nova vida, e tudo o que ela significa, irão depender em grande parte de nosso reconhecimento daquilo que se passou antes, e, talvez, especialmente de nossa morte, ressurreição e união com Cristo, porque aqui, nesta nova ordem criada, a velha mentalidade não tem lugar, e é só para dificultar a obra do Espírito em nós, quando persistirmos em trazer NOSSAS idéias, NOSSOS desejos, NOSSOS julgamentos, NOSSAS escolhas, mesmo quando pensamos que elas sejam do interesse do Senhor. Temos que aprender que o nosso melhor de nossa velha constituição pode estar fora de sintonia com todas as coisas mais

simples do Espírito de Deus. Regeneração é uma nova criação, e ela é essencialmente NOVA.

7. Filiação

Filiação é algo mais do que nascer de novo. É algo muito bom ser uma criança enquanto dura a meninice, mas é uma coisa ruim ser uma criança quando este período é passado. Esta é a condição de muitos cristãos. Sem entrar em pormenores técnicos, o Novo Testamento na sua língua original faz uma distinção muito clara entre uma criança e um filho. Embora a filiação seja herdada no nascimento, porém, no sentido do Novo Testamento ela é a realização das possibilidades de nascimento. É o crescimento para a maturidade. Assim, o Novo Testamento tem muito a dizer sobre crescer, deixar a meninice e atingir a plena estatura. Com este crescimento vem a maior plenitude de Cristo e a abundante riqueza em que fomos salvos. A tão grande salvação tem o seu significado maior para aqueles que estão prosseguindo rumo ao pleno crescimento. Em outras palavras, não é tanto uma questão DO QUE fomos salvos, mas EM quem fomos salvos. “O grande clímax da nova criação é a ‘revelação dos FILHOS de Deus’”. (Romanos 8:19).

8. Santificação

A santificação, novamente, é um aspecto e não necessariamente uma adição. Resumidamente, isto indica um ato e um processo. Santificação e consagração são termos sinônimos e alternativos. Primeiramente, significam um pôr em separado ou ser colocado à parte para Deus. O Novo Testamento deixa muito claro que, assim como somos justificados em Cristo pela fé, assim também somos santificados em Cristo pela fé, e isto precede a obra de nos tornarmos santos em nós mesmos. Tanto que foi a fiéis que tinham muitas imperfeições que Paulo endereçou sua carta – aos “que são santificados em Cristo Jesus” (1 Cor. 1:2). Assim, quando estamos em Cristo, a mente Divina em relação a nós é que estamos completamente separados para o Senhor. Estamos tão consagrados quanto qualquer pessoa pode estar em relação a nossa posição. Mas o mesmo apóstolo, que se refere aos fiéis como já santificados em Cristo Jesus, também escreve a fiéis, dizendo-lhes que sua oração por eles é que possam ser santificados completamente, espírito, alma e corpo. (1 Tes. 5:23). Isto simplesmente significa que aquilo que somos por posição tem que ser real em nosso estado. Santificação, ou consagração, é fundamentalmente uma questão de separação. Com a queda, um enredar com outra natureza aconteceu. Tornou-se orgânico, por isso constitucional. A Cruz do Senhor Jesus cortou direto entre aquela velha ordem e outra completamente diferente, representada por Cristo. Santificação é, portanto, a obra da Cruz em nós, a fim de efetivar a

anulação daquela natureza emaranhada e trazer, em plenitude cada vez maior, aquilo que Cristo é como “completamente diferente”. Em Sua linguagem simples de ilustração, é tomando a Cruz diariamente e negando a nós mesmos. (Mat. 16:24) Mas a explicação espiritual completa disso, que nos é dada mais tarde no Novo Testamento, é a obra da Cruz em nós para trazer um fim aquela vida do ego que está intrinsecamente ligada ao sistema do maligno. Assim, sermos considerados como santificados em Cristo Jesus pela fé, o processo da santificação é nossa aproximação experimental à posição na qual somos colocados pela graça de Deus.

Será visto que a santificação, assim, segue de perto na seqüência das coisas e está baseada na substituição, redenção, justificação, reconciliação, regeneração, filiação.

9. Glorificação

No caso do Senhor Jesus, o sofrimento e a glória sempre estavam juntos; sofrimento, a fundação; glória, a cobertura. Glorificação o resultado espontâneo da obra em nós desta vida Divina, a vida incorruptível de Deus. Esta vida tem em si todas as potencialidades da glorificação. O que foi dito acima é de duas atividades:

- (1) A anulação de tudo aquilo que não pode ser glorificado.
- (2) A produção do novo organismo com a nova vida e seu crescimento até a plenitude de Cristo,

E este trabalho duplo da Cruz leva à glorificação. A glorificação começa no Espírito, isto é, o Espírito renovado do filho de Deus, em virtude da habitação do Espírito da glória, o Espírito Santo. A glorificação prossegue quando a alma – mente, coração, vontade; razão, desejo, volição - é trazida em sujeição ao Espírito e se torna seu servo; em outras palavras, trazida debaixo do senhorio do Espírito Santo através do nosso espírito. A consumação da glorificação será no corpo, "a saber, a redenção do nosso corpo" (Rom. 8:23), e "quando isto que é corruptível se revestir do que é incorruptível" (1 Cor. 15:54) então isto que é mortal será feito semelhante ao Seu corpo glorioso, ou corpo de glória. Assim, a filiação estará completada como a obra exterior da regeneração; a santificação do espírito, alma e corpo será a marca da perfeita filiação.

Certamente somos capazes, à luz mesmo desta sucinta e incompleta consideração desta grande variedade da obra da Cruz, de endossar o termo ‘tão grande salvação’. Também estamos aptos para apreciar a seriedade da advertência: “Como escaparemos nós se negligenciarmos tão grande salvação?” (Heb. 2:3). Deus tem abrangido todas as

necessidades e exigências, e circunscreveu todo o terreno de A a Z na Pessoa de Seu Filho, e na obra de Sua Cruz..

A Centralidade e Universalidade da Cruz *por T. Austin-Sparks*

Capítulo 4 - A Cruz e a Volta do Senhor

Isto não é um tratado sobre o Segundo Advento de Cristo, como também não o foi o capítulo sobre o Espírito Santo. Nosso objeto específico é mostrar a conexão entre a Cruz e a Vinda. Isto será visto como sendo a quarta e final interseção em nosso diagrama.

Assim como a Salvação, a Santificação, o Espírito Santo, foram transformados em algo em si mesmos, e se tornaram doutrinas isoladas, separadas de sua relação com tudo mais, e se tornaram, por isso, anormais e desequilibradas, assim também aconteceu com o ensino concernente a Segunda Vinda do Senhor. Por muito tempo este assunto caiu em estado jacente e foi negligenciado ou rejeitado. Então veio um real despertar a esse respeito, e lhe foi dado o seu lugar novamente. Porém, como cada balanço do pêndulo, ele foi tomado em anormalidade, ou se tornou algo em si mesmo. Em um caso faz um mal inegável; no outro não faz tanto mal nem tanto bem, absolutamente.

Alguns de nós já vivemos bastante o suficiente para sobrevivermos a muitas teorias da Segunda Vinda – não de excêntricos, extremistas, ou fanáticos (embora tenha havido alguns desses), mas de líderes evangélicos honestos, devotos, sadios e equilibrados. Quão seguros alguns estavam de que o Kaiser Alemão era o Anticristo! Quanto foi publicado e dito por estudiosos proféticos que a entrada de Allenby em Jerusalém era o fim dos tempos dos Gentios! Então Hitler assumiu o lugar na longa linha de Anticristos. Um líder evangélico muito conhecido viajou a Roma com o propósito expresso de dizer a Mussolini que ele era a pessoa levantada por Deus no fim dos tempos para reconstruir o Império Romano, conforme a profecia, e Mussolini aceitou isso. Bem, o que dizer de tudo isso?

Não estamos rejeitando ‘sinais dos tempos’, pois sem dúvida eles existem, mas enfatizamos que o aspecto espiritual das coisas é muito mais seguro e mais importante do que o temporal, fascinante como este possa ser. **SATANÁS PODE DESVIAR TANTO POR MEIO DE VERDADES DESCONEXAS COMO POR ERRO INEGÁVEL.**

Antes de sua partida para estar com o Senhor, um querido amigo e servo de Deus que tinha dado profecias ao longo de sua vida de estudo, e que era muito conhecido como um investigador, escreveu para mim e disse que ele tinha sido compelido a mudar seu inteiro ponto de vista e muito de

sua interpretação sobre toda esta matéria. Isto é triste, se não trágico! Nós realmente precisamos estar muito certos e em terreno bem seguro.

A Volta Do Senhor Está Enraizada Na Cruz

e é uma obra definitiva, tanto como o resultado dela.

‘Tu estás vindo; à Sua mesa

Somos testemunhas disso’.

A Mesa, que mostra Sua Morte, liga esta morte com a segunda vinda – ‘até que venha’.

Mostrar que a Cruz é a base da Bendita Esperança seria desnecessário aqui, mas mostrar como isto é assim pode ser importante. A razão para isto é que muitos não têm ido além da idéia – uma idéia jamais ponderada – que o Segundo Advento é apenas um evento isolado, ou um evento que, pertencendo a um programa ou calendário dos movimentos dispensacionais, simplesmente irá acontecer. Quando o relógio soar doze horas o Senhor virá. Bem, “dentro de Sua própria autoridade” o Pai pode ter os tempos e as estações, mas em relação a esta matéria somos confrontados com um daqueles insondáveis caminhos de Deus. Há vários deles na Bíblia. Reconciliar livre-arbítrio e predestinação pertence somente à sabedoria de Deus, nós não podemos fazer isto. Da mesma maneira está além da nossa compreensão que certo estado que se relaciona com a volição dos cristãos possa se sincronizar com um ponto fixo do tempo para a Vinda do Senhor. Embora esteja fora de discussão que em ambas as questões acima a Bíblia é muito clara e enfática. O Senhor virá num tempo definitivamente conhecido e fixado por Ele, mas, por outro lado, a vinda do Senhor será uma questão tanto espiritual como cronológica.

É neste lado espiritual da Vinda que a Igreja e seus mestres são bastante frágeis. Tão verdadeiramente como o servo de Abraão, enviado para buscar a noiva para Isaque, renunciou o Espírito Santo sendo enviado para buscar a noiva para Cristo, assim também é uma questão de progresso espiritual da parte dela em relação a Ele e do Espírito, mostrando as coisas de Cristo. Rebeca não deu um salto repentino da Mesopotâmia para Canaã. Foi uma longa, difícil e determinante jornada, que envolveu um grande exercício de fé. Houve toda a questão de deixar tudo e todos cujas raízes estavam naquela terra. Houve a questão da confiança implícita no servo. Houve, sem dúvida, uma tentação de se perguntar se o fim era certo. E houve a batalha constante contra as reações que surgiam do cansaço e da duração do caminho desconhecido. Mas tudo isso teve um efeito necessário sobre esta noiva eleita, tanto para

ajustá-la à grande vocação e tornar o enlevo da realização tanto maior. Esta é, em seu melhor, uma pobre figura do lado espiritual da consumação da união com Cristo em Sua aparição.

O fato é que tanto nós temos que nos mover na direção Dele como Ele na nossa. O rompimento com todos aqui, em nosso coração, o deixar deste mundo espiritualmente, a ocupação com as coisas de Cristo, a paciente resignação, e o crescimento da fé, são fatores indispensáveis e inseparáveis em relação a Sua vinda e o nosso seguir com Ele.

Pode haver diferenças de opiniões quanto a vacilante tradução dos cristãos, ou quanto a se a Igreja toda será arrebatada na vinda de Cristo; não é necessário formular teorias ou ensinamentos sobre tais questões. Rapto seletivo pode ou não ser defendido, mas de uma coisa ninguém pode fugir, Deus não deixou espaço para teorias aqui; um estado espiritual de separação, ocupação, e expectativa está invariavelmente associada com o nosso ser recebido por Ele em Sua aparição.

Em nosso diagrama há duas linhas azuis, e azul representa o celestial. Foi dado aos Israelitas no deserto uma insígnia azul para ser usada na borda de seus vestidos. Ela indicava que eles eram – na mente de Deus – um povo celestial. Eles não mais pertenciam ao deserto, nem ao Egito. Era um lugar para se conhecer e provar sua celestialidade – vida celestial, fonte, direção, etc – e apontava sempre para um ‘país celestial’ que era realmente deles próprios. Mas o Jordão estava no meio do caminho, o real ponto de travessia. E o Jordão sempre representa a Cruz de Cristo. Assim como o Mar Vermelho representou o que Deus fez por eles, assim o Jordão era uma figura da obra consumada neles.

"Efésios" é a contrapartida de "Josué"; são "os lugares celestiais em Cristo", mas o Espírito Santo tomou aquilo que era cronologicamente primeiro – "Tessalonicenses" – e fez com que ele fosse colocado depois de "Efésios", como que para dizer – A Vinda do Senhor (o principal tema de "Tessalonicenses") é o resultado da chegada da Igreja a sua posição celestial.

Mais será dito sobre isto quando tratarmos da Igreja em nosso próximo capítulo, mas aqui queremos sublinhar a Divina revelação de que a Cruz nos separa deste mundo, desta "carne", da autoridade de Satanás, e nos liga a Cristo, traz-nos para o terreno celestial, e nos constitui um povo espiritual, e é para os tais que o Senhor irá voltar. Quando Davi foi afastado de sua posição pelo usurpador Absalão e sua companhia, ele exerceu fé e sabedoria sublime ao enviar de volta Abiatar com a arca para dentro da cidade. Ela era a sua própria pegada lá. Era isto que sempre lhe daria um lugar, mesmo onde ele tinha sido repudiado. E a ela ele iria

retornar. Ela era o seu ponto de apoio, o seu ímã. O Senhor não apenas irá retornar, como é óbvio. Ele irá vir para algo. É um assunto de amor. Ele irá vir para a Sua noiva, mas isto tem que ser mútuo. "Aqueles que amam a Sua vinda". Assim a Cruz tanto é uma parte da consumação como o é da iniciação, e através de sua operação na vida, como um princípio e poder, o Senhor irá vir para "um povo preparado". Esta preparação se refere à condição do coração e não a uma compreensão mental de verdade profética.

A Centralidade e Universalidade da Cruz *por T. Austin-Sparks*

Capítulo 5 - A Cruz e a Igreja

Tendo tratado sobre as quatro interseções em nosso diagrama – a Cruz e a Pessoa de Cristo, o Espírito Santo, a Tão Grande Salvação, e a Segunda Vinda – continuamos a observar que elas passam dentro e através – no primeiro lugar – do círculo marcado a Igreja que é o Seu Corpo.

Tanto em seu ensino quanto à eleição eterna da Igreja e sua atual vocação, e também na expressão real no começo desta dispensação, a Bíblia mostra que a PRIMEIRA esfera na qual todo o conteúdo e significado dessas quatro grandezas encontram expressão é a Igreja. Não é nossa intenção tratar da análise de cada uma delas dada no diagrama, mas um relance naquela análise irá fazer duas coisas. Irá mostrar o que cada uma das quatro significa e contém, e irá explicar a natureza e a vocação da Igreja.

Uma coisa deve ser dita aqui, embora possa ser óbvia: as quatro grandezas permanecem juntas, e, a menos que sejam mantidas como um todo, a Igreja não será aquela da intenção e do propósito de Deus. Iremos entrar nisso novamente mais tarde.

É NA e PELA Igreja que Deus tem eternamente escolhido revelar o significado de Cristo – a Pessoa de Seu Filho. Também é na Igreja que todo o significado e valor do Espírito Santo devem ser corporificados. A Tão Grande Salvação é aquilo que constitui a Igreja, definindo tanto sua natureza quanto sua vocação. A Segunda Vinda de Cristo tem seu significado primário NA Igreja. Repetimos, separar essas quatro grandezas de sua relação com a Igreja, deixar a Igreja de fora e tomar as doutrinas separadas dela é se render a doutrinas destituídas de seu espírito, como um veículo sem qualquer valor real e prático de demonstração ou expressão – algo em si mesmo. Ter algo denominado de Igreja que não EXPRESSA essas quatro grandezas é usar o termo incorretamente, é uma fraude, um corpo sem o espírito ou personalidade, um corpo plástico sem nervos ou expressão viva.

A primeira coisa importante a dizer então é que:

A Igreja É O Objeto De Interesse Divino

Em relação a Cristo.

No conselho eterno de Deus, quando foi determinado que o objetivo final do universo criado de forma planejada deveria ser a síntese de todas as coisas em Cristo, foi então decidido que um Corpo eleito – chamado de

Igreja, que é o Seu Corpo – deveria ser o instrumento e o veículo de Sua plenitude, o complemento daquele que cumpre tudo em todos: nada menos e nada diferente do que a Igreja. Deus jamais se deteve a indivíduos, muitos ou poucos, como que relacionado-os a Si mesmo. Ele podia ter feito mil Adãos tão facilmente como fez um, mas Ele não fez, porque um Adão é genérico e indica muitos em um, a vida corporativa de muitos em um. Este foi o princípio básico em Abraão, Jacó, Davi, Cristo. Ignore ou viole o princípio orgânico e corporativo na Igreja, e substitua-o por uma instituição uma organização, uma fraternidade, e você transforma a continuidade de uma geração para outra numa questão de mera substituição das partes usadas de uma máquina, e não uma reprodução de vida orgânica. O que não é a Igreja em seu pleno conceito Divino irá apenas chegar a certa altura e, então, passará a viver de seu passado, de sua tradição, de seu fundador, de sua publicidade. Existiram, e existem, muito de tais coisas que, devido a uma necessidade específica (a qual iremos nos referir mais tarde), foram abençoadas por Deus e cuidadas por Ele, as quais se tornaram ministérios em si mesmos dentro de certos limites. Além de certo ponto de valor não são organicamente reprodutivos; não lançam de forma ORGÂNICA sua semente para expressar plena e vividamente a plenitude de Cristo. Houve muito dessas coisas que, embora valiosas e usadas pelo Senhor como um ministério necessário para o momento, que devido ao Seu amor por eles foram apresentados por Ele como Seu pensamento pleno. Isto tem representado uma crise definitiva. As discussões têm sido nada mais nada menos do que, de um lado, um ajustamento para crescimento e um novo começo de vida e valor: ou, de outro lado, por causa da relutância em ver que Deus precisava de tais mudanças, uma silenciosa, constante e quase imperceptível perda do velho caráter e vitalidade, e também um encerramento em relação ao fim de vida dos primeiros instrumentos, ou a formação de um Grupo de confiança para continuar a obra. Assim, freqüentemente a coisa tem se tornado como a tenda em Silo sem o Testemunho nela.

O Senhor pode abençoar, até mesmo levantar, instrumentos, ministérios, para servir propósitos específicos, para enfatizar ou recuperar o valor perdido, mas chega um tempo quando Ele vê que a necessidade agora pede pelo aspecto e caráter a ser reconhecido e aceito, e Ele olha e vê que a luz referente a isto está presente ou disponível. Todo crescimento futuro depende do equilíbrio da reação das pessoas responsáveis envolvidas. Deus jamais irá, no fim das contas, desistir de Seu pensamento pleno – a Igreja. Repousa aqui um dos aspectos da relação da Cruz com a Igreja. Somente quando for provado que a Cruz tenha produzido uma verdadeira ajustabilidade e aumento em relação ao plano de Deus pode Ele seguir conosco INDEFINIDAMENTE. É fatal, então, ter uma mente inflexível, que,

só porque o início foi definitivamente de Deus, que ele seja inflexível, que jamais tenha que avançar e se ajustar às futuras coisas de Deus. Deus não está necessariamente anulando tudo aquilo que foi usado por Ele, mas Ele o está colocando em seu lugar mais amplo. O fato é que, se é para Deus ter o Seu propósito pleno em relação à Igreja – mesmo que numa pequena companhia – devido as coisas estarem do jeito que estão, muitos ajustes terão que ser feito. Não é nada mais do que uma questão de vida ou morte, uma questão de ganho ou de perda, e isto é decidido pela medida em que o significado da Cruz tenha sido compreendido. Todos os tremendos significados dos “SE” do Novo Testamento se referem a isto, não à salvação quando o ‘se’ é referido aos cristãos.

Isto pede que digamos algo sobre o que a Palavra de Deus ensina sobre

O Quê A Igreja É

Devido à sua imensa importância para o eterno propósito do Senhor em relação ao Seu Filho, há poucas direções nas quais o grande inimigo tem se lançado mais assiduamente do que nesta, a fim de trazer confusão, má compreensão, desilusão, ilusão, e ruptura. O próprio fato de que - de um lado, a Igreja traz tais marcas evidentes do inimigo, e de outro lado, por causa da confusão e desordem, muitos servos de Deus verdadeiros têm se voltado para outra coisa que não o ministério da Igreja em seu sentido pleno - deveria nos impressionar com a importância deste assunto do ponto de vista de Satanás. Nada que implique nos princípios de vida corporativa da Igreja – unidade, comunhão, relacionamento orgânico – escapa de ser objeto imediato do interesse e da preocupação Satânica, a fim de dividir, confundir, rachar, e o fator demoníaco envolvido nisto torna a coisa mais do que uma questão de discordância humana. É algo muito mais sutil e difícil de se lidar do que isto. O verdadeiro problema não é finalmente resolvido com palavras de desculpas. À luz disso, é necessário ter algum conhecimento em relação à verdadeira natureza da Igreja.

Naturalmente, uma das coisas determinantes em decidir o que é Igreja é o nosso ponto de vista. Embora o edifício com um pináculo ou uma torre seja muito freqüentemente chamado de igreja – e ninguém com alguma inteligência espiritual creia que seja – ele irá servir como uma ilustração de um ponto maior. Suponha que você visse esse tal edifício chamado de igreja edificado sobre a sua coluna com o seu edifício principal bem em cima onde geralmente fica o pináculo, o que você diria sobre isso? Você diria duas coisas. Primeira: “Está de cabeça para baixo”. Segunda: “Está desequilibrado”. Talvez você dissesse: “É absurdo!” Mas isto iria depender inteiramente do seu ponto de vista. Suponha que você estivesse a 10.000 mil pés num avião e o visse como se o teto de nuvem fosse sua terra? Lá ele estaria certo, e ELE ESTARIA DE CABEÇA PARA BAIXO SE ESTIVESSE

EM SUA POSIÇÃO NORMAL AQUI. Depende de se o nosso ponto de vista é terreno ou celestial. Do ponto de vista do Novo Testamento – que é “celestial” – a Igreja como ela está agora na terra está de cabeça para baixo. Sua parte principal é terrena, e sua parte menor é celestial. Eu não tenho dúvida de que, seja quem for que tenha inventado o campanário da igreja, essa pessoa pretendeu que ele indicasse que a Igreja aponta para o céu, o que, naturalmente, é verdade. Mas existe esta outra maneira de se olhar para ela. Realmente do ponto de vista de Deus a Igreja não tem qualquer conexão com este mundo, **NESTA DISPENSAÇÃO**, fora o testemunho. Ela **NÃO** está principalmente apontando para cima, mas, sendo algo celestial, está testemunhando aqui em baixo. Ligar de alguma forma a Igreja a este mundo presente é perder tudo aquilo que é realmente vital ao seu impacto **SOBRE** este mundo. A Igreja, portanto, não pode ser uma coisa nacional, nem internacional. Para Deus não há tal coisa de Igreja Chinesa, a Igreja Indiana, a Igreja Americana, ou a Igreja Inglesa. A Igreja não pertence a nenhum país. Ela somente pode ser ‘A Igreja’ **EM** qualquer país ou países. Nem é a Igreja composta de todas as nações ou nacionalidades – Asiáticos, Americanos, Europeus, etc. Na Igreja “não pode haver Grego nem Judeu”. Pensar, falar ou agir como se houvesse tal coisa é ter fracassado lamentavelmente em compreender o propósito de Deus em relação a Igreja, e realmente importa muito se estamos certos ou errados em relação a isto.

Da mesma forma, e em relação à verdadeira compreensão de Igreja, devemos ver que ela jamais pode se denominacional, interdenominacional, nem adenominacional. A palavra federação de “igrejas” perderia completamente a idéia Divina, e lamentavelmente sucumbiria em seu valor espiritual, como aconteceu com a Liga das Nações; seria apenas outro fiasco espiritual.

A Igreja **PODE** ou **NÃO PODE** ser encontrada em algum lugar dentro de **TODOS** os acima, mas ela é diferente deles.

Pode parecer que, até aqui, estamos numa linha negativa, e isto tem que ser analisado um pouco mais. Há um povo sincero de Deus que precisa ser lembrado de que a Igreja não está constituída sobre uma linha ou medida especial de revelação Divina. Luz quanto a Igreja ou quanto ao Corpo de Cristo não **TORNA** as pessoas que a têm em Igreja. A Igreja não é feita por meio de ver o significado **MAIS PLENO** da Cruz ou do Corpo. Importante quanto isto seja em relação a **EXPRESSÃO**, isto não é fundamental ao **FATO**.

Há muitos outros fatores negativos que afetam esta questão, mas eles serão abordados na medida em que avançarmos para o lado positivo. Se

formos movidos ou influenciados pelas coisas como acima mencionadas, é porque nós ainda, afinal de contas, não vimos Cristo.

A Igreja É Para A Expressão De Cristo

Cristo – o Filho de Deus, o Filho do Homem – não é um Judeu em Sua humanidade e pessoa ressurreta. Nem é Ele de qualquer nacionalidade. Ele é absolutamente singular. Qual era a nacionalidade do primeiro Adão? Ele era racial. Em Cristo Deus iniciou bem lá atrás, antes de todas essas subseqüentes distinções e diferenças, que a Bíblia atribui a Satanás e à rebelião, Deus foi para além de tudo isso, para o grande ponto essencial quando a unidade será absoluta em todo sentido – Cristo sendo absolutamente tudo em todos, como Ele é AGORA no que concerne à mente de Deus. Para a Igreja de Deus não há terreno, a não ser o terreno de Cristo. Aquilo que é nosso por natureza, e aquilo que é deste atual mundo maligno, não pertence a Igreja, pois a Igreja é Cristo expresso corporativamente. Compreensão espiritual nesta questão irá resultar em cessarmos de falar sobre “a Igreja de...” ou “Tal e tal Igreja”. Será absolutamente revolucionário em mentalidade e resultado, em fraseologia ajustada, mas muito espontaneamente, não de forma pedante ou fingida.

Ter visto Cristo da forma como o Espírito Santo O revela no Novo Testamento é ver que a Igreja começa por

Cristo Tornando-se Residente Nos Crentes

Uma vez que Cristo está realmente dentro como um Residente, uma união foi estabelecida, a qual é orgânica – na vida – e esta é a união do Corpo. A Mesa do Senhor testifica disso, e isto é para todos os crentes. Que a luz plena sobre a Igreja não foi dada em seus primeiros dias como em “Atos” é evidente, mas o fato estava lá, e eles perseveraram ‘no partir do pão’. (ver 1 coríntios 10:16,17).

Mas o partir e o distribuir do pão nunca é encarado como se produzindo tantos outros pães ou corpos. É ainda um só pão. Cristo – embora comunicado a dez mil corações – não são dez mil Cristos, mas apenas Um. Desta maneira a Igreja é Cristo.

O crescimento da Igreja ocorre sobre o mesmo princípio. É o aumento de Cristo, interiormente e extensivamente. A Igreja faz o crescimento quando Cristo obtém mais espaço, ou quando a medida Dele aumenta nos crentes. Seu crescimento numérico exterior é apenas Cristo chegando a mais vidas (veja Efésios 4:15,16). A medida de Cristo determina se a Igreja é forte ou fraca, grande ou pequena, efetiva ou ineficiente. Mas não podemos confundir as coisas. Primeiro, não podemos confundir Cristo com sistemas que têm se desenvolvido ou sido formados ao redor de Cristo ou da Igreja.

E não podemos ter uma atitude mental que porque determinados crentes estão nesses sistemas, que eles não sejam a Igreja. Isto pode ser tão divisor em efeito como sectarismo radical. E não podemos confundir o FATO da Igreja com a EXPRESSÃO dela. É aqui que muitos fracassam, e é geralmente uma reação à deplorável mistura e pobreza espiritual daquilo que é chamado de 'a Igreja'.

O FATO da Igreja e sua EXPRESSÃO são duas coisas distintas. O fato é que todos os que estão em união VIVA com Cristo – O qual é a Cabeça – são a Igreja. Eu sei que alguns mestres tais como G. H. Pember não concordam com isto, e conheço todos os problemas que surgem a partir desta posição. Quantos problemas seriam resolvidos e quantas dificuldades seriam superadas se tivéssemos base suficiente para crer que nesta dispensação existem duas coisas – a Igreja E o resto dos crentes! Poderíamos, por exemplo, resolver o seguinte problema: por que tão poucas pessoas correspondem ao testemunho em relação à Igreja. Porém isto não irá acontecer. O mesmo problema está por trás do seguinte: por que tantas pessoas nunca dão qualquer resposta absolutamente a Cristo.

A expressão da Igreja, que é mais do que o fato, requer um reconhecimento do absoluto Senhorio de Cristo – isto é, a doutrina vivida pelo Espírito Santo. As Epístolas não colocaram os crentes num relacionamento básico com Cristo; elas revelaram o que este relacionamento era e o que implicava, e mostrou a eles onde eles estavam em relação a este relacionamento. É possível ter um corpo aleijado, enfraquecido, e doente, em relação à estrutura exterior, mas não se pode dizer que não é um corpo, absolutamente. É desta forma que era na EXPRESSÃO do Corpo em Corinto. As coisas dificilmente poderiam ter sido piores, e, se ouvimos de uma situação tal existindo numa igreja local hoje, poderíamos ser muito tentados a classificá-la como não tendo qualquer relacionamento vital com Cristo. Paulo não fez assim com Corinto; mas, escrevendo a eles como a Igreja EM Corinto, apenas procurou mostrar Cristo a eles e as implicações corporativas de Cristo. Isto levou a questão do absoluto Senhorio de Cristo.

Embora tudo esteja completo no Cristo Ascendido, muitos crentes não sabem o que seja esse "tudo", e por isso podem falhar na expressão. A Expressão é de tal valor que envolve nada menos do que o eterno propósito e satisfação eterna de Deus; e, como dissemos, a ira extrema de Satanás está direcionada contra qualquer ministério que leve a isso, ou qualquer expressão da Igreja na realidade espiritual. É nada menos do que Cristo vindo plenamente ao Seu lugar, e Satanás não tendo mais espaço.

É portanto da mais absoluta importância que POSSA haver luz em relação a Igreja – o Corpo. Força ou fraqueza, repetimos, depende disso. É aí

Onde Entra A Cruz

Cristo não pode entrar até que o homem saia. Isto se aplica inicialmente e progressivamente. Não há lugar em Cristo para os julgamentos, pensamentos, energias, sentimentos, etc, caídos e produzidos por Satanás. A medida de Cristo depende da saída daquilo que não é de Cristo. Isto tem que ser encarado como um fato básico e inclusivo mais cedo ou mais tarde, de uma vez por todas. Então tem que ser reconhecido que conformidade à imagem de Cristo é um processo de uma vida, e este processo avança na base da Cruz. Não é um novo morrer de Cristo, não é uma repetição da Cruz, uma vez, duas, ou mais vezes, mas é um completar definitivo do significado e das implicações da Cruz.

A presença e efeito na Igreja daquilo que somos naturalmente é limitar Cristo, e é conseqüentemente negar a Igreja, e é conseqüentemente opor-se ao Senhorio de Cristo, e é conseqüentemente mover-se na direção da fraqueza espiritual, e **CONSEQUENTEMENTE** colocar Satanás em lugar de poder. Tudo isto é suprido pela Cruz de Cristo. Por isso o Altar fica na soleira da Casa; é o grande Altar – uma oferta **TOTALMENTE** queimada. A Cruz assume sua grandeza devido a imensidade daquilo a que ela se refere, e torna possível, no conselho eterno de Deus.

Se o que dissemos acima suscita questões práticas para alguém quanto as relações e ligações, etc., não aconselhamos que você faça isto ou aquilo – que deixe isto, que se uma aquilo. Tudo o que falamos é – Olhe para a Cruz mais uma vez e peça ao Senhor que lhe mostre o que ela significa em Seu propósito pleno, deixe o Senhor Jesus ser Senhor absoluto, aceite o desafio, e seja obediente ao que Ele lhe mostra.

Capítulo 6 – A Cruz a Igreja (continuação)

Em nossa consideração sobre a Igreja, usamos em várias ocasiões a palavra “expressão”, observando assim a diferença entre a concepção celestial e natural, e a aplicação prática. Esta última é de muitíssima importância, e é aqui que descobrimos todas as reações de Deus contra o declínio e fracasso ao longo dos tempos. A Igreja COMO UM TODO sobre a terra pode não chegar a uma real e plena expressão do pensamento de Deus quanto a sua natureza – ela nunca chegou desde os primeiros dias – porém Deus jamais se ajustou a Si mesmo a este fracasso, dando alguma sugestão de que Ele ficaria satisfeito com o que pudesse conseguir. Ele se apegava ao Seu pleno propósito, retém a revelação plena disso no Novo Testamento, procura ter tantos nos benefício do Seu propósito quantos queiram pagar o preço, e determina a medida ESPIRITUAL correspondente, embora abençoe a todos quantos contribuam com isso.

Por isso estamos determinados em dizer algo sobre a expressão da Igreja neste universo; pois devemos nos lembrar de que a Igreja é mais do que terrena, ela é cósmica. Sua responsabilidade se estende mesmo agora “acima dos principados e poderes nos lugares celestiais” (Efésios 3:10). Se, como dissemos, a Igreja é Cristo em expressão corporativa, melhor iremos compreender este aspecto prático de seu chamado considerando a sua correspondência a Cristo.

Cristo Espiritualmente Expresso

Quando nos voltamos para ver como Cristo estava aqui espiritualmente, descobrimos que era principalmente em termos de três grandes forças e impactos – Vida, Luz, Amor. Apenas dizer isto, para a maioria dos leitores do Novo Testamento, não é trazer nenhum material que corrobore.

"Nele Estava A Vida"

Vida é a questão suprema na Bíblia, e, portanto, da criação. A Bíblia começa com a Árvore da Vida e se encerra com ela. Tudo no meio, como que cobrindo toda a história da criação, está focada nesta questão. É um longo e contínuo conflito em relação a esta única questão. Se o Velho Testamento é, como Cristo disse que era, uma testificação Dele em todas as suas partes, a questão é descoberta no Cristo RESSUSCITADO, triunfante sobre a morte. A pregação da Igreja no livro de ‘Atos’ é uma abrangente e inclusiva personificação da destruição da morte e a vitória da vida. A Igreja como Seu Corpo assumi este testemunho, não primeiramente de forma doutrinária ou verbal, mas de forma real, efetiva.

Ela foi planejada para ser a portadora de Cristo neste sentido. Ela não dá testemunho primeiramente de eventos históricos nem de ensino do Novo Testamento, mas a Igreja é para SER a personificação de Cristo em termos de vida.

Há três formas nas quais a vida é manifesta.

(1) A Vida é Genérica

O princípio Divino da criação é biológico. A vida é a chave de tudo. Quando Deus colocou vida nas coisas, Ele não apenas estabeleceu um curso em movimento que iria se desenvolver independentemente de estímulos e direções externos, mas Ele introduziu as potencialidades do desenvolvimento perfeito conforme o reino particular a que cada organismo pertencia – humano, animal, vegetal, etc. Vida produzida conforme a sua própria espécie, porém vida PRODUZIDA. A batalha pela vida e da vida começou quando o pecado entrou; porém, sejam quais tenham sido as mudanças, a vida se impõe e mantém a criação em andamento. Do mesmo modo, no campo espiritual, a vida é a chave de tudo, e a única justificativa para a continuação desta criação. A Igreja, para quem todas as coisas estão sintetizadas em Cristo, tem sua origem a partir da Ressurreição Dele, e, conseqüentemente, a implantação de Sua vida triunfante. A Igreja é a Sua nova criação, e Ele é a nova vida dela. A própria existência da Igreja depende da vida ressurreta de Cristo. Ela irá ser julgada no final por Aquele que está diante dela e diz: ‘Eu Sou o que vive; estive morto, mas eis que estou vivo para todo o sempre’. Não apenas sã doutrina; não muita atividade; não um alto padrão de integridade moral; mas vida que conquista a morte e subjuga o inferno, este será o teste.

(2) A Vida é Energética

A força motriz da Igreja é o poder da vida. Na visão de Ezequiel, dos querubins e das rodas, que é um símbolo de Cristo e a Igreja, a força motriz era o Espírito da vida. É um retrato da energia. Indo, indo, sempre indo, nunca cessando, e sempre para frente. São os Seres Vivos (não ‘bestas’ ou ‘criaturas’) em expressão corporativa. Não é difícil de ver a correspondência entre isto como um símbolo e a real contraparte espiritual na Igreja no início. A vida assumiu o comando, ou o Espírito, na condição de Espírito de vida, assumiu o comando, e os movimentos eram com muita energia. Testemunho, evangelismo, cuidado mútuo, e muitas outras coisas indicavam vida. Não era interesse humano, entusiasmo, emoção, impulso, ou cinética. A coisa não era motivada por algum estímulo administrado. Tal coisa iria precisar ser mantida por meios externos, mas o negócio era espontâneo e transcendia a todos os obstáculos.

Quando lemos sobre ‘o poder que opera em nós’, ou ‘operando em nós o que é agradável’, ou ‘Sua eficácia que opera em mim poderosamente’, a palavra no Grego é ‘energia’, ‘energizar’. É a energia da VIDA Divina pelo Espírito Santo, e ela é muito freqüentemente estabelecida diante de tanta fragilidade e fraqueza humana, constituindo assim um poderoso testemunho do ‘poder de Sua ressurreição’. Nada é responsável pela persistência e realizações da Igreja a não ser a energia sobrenatural da VIDA Divina nela, e este é o testemunho para o qual ela existe. Você tem que olhar mais profundamente em Jesus de Nazaré, o Homem Galileu, para obter uma explicação do Seu impacto sobre este mundo por um tempo tão prolongado, e irá descobrir o segredo na VIDA que estava Nele a qual Ele transmite no novo nascimento. Da mesma forma o segredo da Igreja deve estar mais no fundo do que a sua forma exterior; deve ser a energia de nada menos que a própria VIDA de Deus nela.

(3) A Vida é Reprodutiva

Este é o significado da vida. Ela pode significar alegria, beleza e atividade, mas seu valor essencial e função suprema é a reprodutibilidade. A vida exige uma forma de reproduzir sua própria espécie, e qualquer organismo que nega caminho à vida, que nega seus recursos a sua transmissão comete uma quebra de confiança. Em lugar algum a vida é uma possessão apenas para ser desfrutada. É uma mordomia a ser fielmente cumprida. Aquela figueira estéril de Mateus 21 é uma parábola de uma quebra de confiança; receber sem repassar a diante. Possuir vida e dar a ela curso e reprodução livre é espontâneo. Isto não é apenas a declaração de um fato, é um teste. A Igreja do Novo Testamento, ou a Igreja no Novo Testamento, era uma Igreja espontaneamente reprodutiva, sem maquinaria, organização, publicidade, propaganda. Ela se propagava simplesmente devido a vida que estava nela. Há muitos substitutos para a vida Divina na Cristandade organizada que explica a lentidão e o difícil avanço, produção cara e qualidade pobre em resultados. Não há nenhum substituto real para a Igreja, e Igreja expressando Cristo como que ‘lançando Sua semente’ em termos de reprodução de vida espontânea. Há algo irresistível acerca da vida e as conseqüências mais sérias estão associadas às tentativas de impedi-la. Cristo – a vida – está **SIMPLESMENTE A UM PULO** de aparecer com uma grande multidão no final.

Mas esta fecundidade da vida é por meio da Cruz. A Escritura clássica sobre isto é João 12:24. O grão de trigo morre para se reproduzir. O próprio Cristo trouxe a Igreja à existência desta maneira. De modo que esta expressão corporativa de Cristo não é somente por meio de SUA morte, mas potencialmente pela morte de todos, e aqueles que verdadeiramente vivem são os que ‘ressuscitaram juntamente com Ele’.

Isto é Igreja, e a continuação da reprodução é a continuação da aceitação pela fé da morte, ressurreição e união com Ele, com tudo o que Deus quer significar com isso.

"A Vida Era a Luz"

Na ordem da criação, isto é, daquilo que é espiritual, a luz segue a vida; a vida precede a luz. Nicodemos era um homem em trevas, às apalpadelas. Cristo disse a ele: "Exceto se um homem nascer de novo, ele não pode VER". A luz é o grande fator; portanto significa conhecer, perceber, estar certo. Visto que ela chega através da vida, ela deve ser subjetiva, interior. O homem nascido cego (João 9) que recebeu sua visão é um exemplo completo disso. O toque de Jesus comunicou vida, poder vital. Ele viu. Então, contra todo esforço para minar sua fé, prejudicar sua mente, ele simplesmente respondeu que tinha os benefícios e que isto era o que realmente importava. Não houve nenhum argumento meramente doutrinário. Não era uma questão de apenas certa linha de ensino ou ângulo da verdade. Era Cristo em termos de luz viva. Ele não apenas teve luz sobre as coisas, ele teve VISÃO. Não foi informação SOBRE, mas foi COMPREENSÃO DE.

Que desafio isto é para a Igreja! Cristo não é teoria, interpretações, doutrinas, especulações, informação, temas, etc. Cristo é o impacto da luz sobre as trevas, de modo que "as trevas não prevaleceram sobre Ele". Isto é exatamente o que uma expressão corporativa de Cristo é; é, não devia ser. A Igreja, quando em seu verdadeiro lugar e relação com Ele, é isto. Isto pode ser tão verdadeiro com ela quanto foi no próprio caso Dele.

Muito poderia ser escrito em relação ao efeito da luz, mas aqui estamos apenas mencionando fatos espirituais, e deixando o resto com aqueles interessados em fazer a constatação. Quando o sol brilha em seu poder, não é necessariamente para discutir teorias sobre a luz, e, se você o fizer, é apenas em caráter de explicar algo que já existe. Nove de cada dez ensinos cristãos hoje tem a ver com o que se seguiria, se obteria, resultaria, se certas coisas acontecessem; ou em explicar o que aconteceria se certas coisas fossem observadas. Há MUITO POUCO apelo para se explicar o que está acontecendo, respondendo a pergunta: "O que quer dizer isto?" com "Isto é aquilo". E, contudo, devia ser desta maneira. A doutrina do Novo Testamento era sempre uma explicação do que tinha acontecido. É importante como luz para a vida, mas o fato de a Igreja estar no lugar onde esta vida esteja gerando inquirição quanto ao seu segredo é realmente onde ela começa seu ministério. Foi desta forma no Dia de Pentecoste. Veja que torturante enigma Cristo era quando estava aqui. "De onde lhe vem esta sabedoria?" Não de escolas, de assentos de ensino, não de livros, mas da comunhão com o Pai, sob a unção do Espírito; Ele via o

que o Pai estava fazendo (João 5:19). A Igreja deveria ser da mesma forma; desconcertando os incrédulos, desbaratando os curiosos, deixando os preconceituosos com FATOS, e sendo luz aos que buscam a verdade.

Mas ela terá que sofrer uma profunda crucificação em sua própria sabedoria em relação a como a obra de Deus é feita. Não há nenhuma luz no lado de morte da Cruz onde o homem por natureza está excluído de Deus. Ela terá que clamar em sua cegueira: “Jesus, Filho de Davi, tenha misericórdia de mim”. Este quebrantamento, esta impotência, falta de esperança, e, contudo, fé, irá demonstrar a sua morte para todo recurso, exceto para Ele que é a vida e a luz dos homens. A Cruz governa toda esta questão do testemunho da Igreja para a luz.

O Amor de Cristo

Parece ser muito necessário reunir o que está no Novo Testamento para mostrar que, assim como Cristo estava aqui como a vida e luz dos homens, do mesmo modo Ele estava aqui como a personificação e expressão do amor de Deus. Isto é muito bem conhecido. Da mesma forma seria desnecessário citar muito a Escritura que mostra que é por meio deste amor que a Igreja prova que Ele foi enviado por Deus. (João 17:21)

Há, contudo, algumas coisas associadas a isto que precisam de nova ênfase, se não uma indicação de suas implicações. Visto que estamos discorrendo sobre a Igreja e a Cruz, podemos encontrar tudo que é necessário naquela parte do Novo Testamento onde isto é trazido a sua expressão plena. Na carta aos Efésios isto está até mesmo impressivamente muito claro.

A Luz É Baseada No Amor

“Estando arraigados em amor, para que possais compreender...”

Bem no início da carta temos estas palavras: “Tendo os olhos do coração iluminados...” (1:18). Então que coisas imensas se seguem para serem conhecidas pela Igreja! Não nos debruçamos sobre elas, mas sobre este fato, de que a luz, o conhecimento, é o fruto que nasce do enraizamento no amor. Parece que Deus somente dá – de forma abundante – conhecimento espiritual aqueles cuja principal característica é o amor. Amor por Ele, sim! Mas amor por Ele é amor por todos os homens.

“Eu amo o Pai” (João 14:31). “O Pai ama o Filho e Lhe mostra todas as coisas...” (João 5:20). Assim Cristo atribuiu o Seu próprio conhecimento de todas as coisas como resultado do mútuo amor entre Ele e o Pai. Mas Cristo era a corporificação pessoal e a manifestação do amor de Deus pelos eleitos e pelo mundo (João 3:16; 17:23). (Veja também Efésios 5:25) João é conhecido como o Apóstolo do amor. Que riqueza de luz espiritual

chegou a nós por meio dele! Paulo não ficava atrás de ninguém nesta questão de amor Divino e nos deu o clássico de todos os tempos em relação a isto (1 Coríntios 13). Que plenitude e profundidade de revelação a Igreja deve a ele!

Um cientista pode descrever uma lágrima em termos de água, sal, e muçus, mas a mãe ou a pessoa que ama **COMPREENDE** a lágrima em seu real significado. Um conhecimento intelectual não é absolutamente conhecimento em valores espirituais. Somente o conhecimento que vem através do coração – angústia, sofrimento, saudade, sofrimento na alma, em relação a Cristo – é conhecimento vital. Quanto da riqueza de conhecimento possuída por João, Paulo e outros originou-se da angústia de seus corações pela Igreja? Tire isso e não fica nada.

O Amor Edifica

“...o aumento do corpo para a edificação de si mesmo em amor” (Efésios 4:16)

Você poderia não ter pensado sobre isto ao considerar o material para a edificação da Igreja. Verdade, sim! Ensino, sim! Mas o Espírito Santo escolhe o AMOR como principal ênfase. Éfeso evidentemente representou algo em questões de valores espirituais. O fato de o Espírito Santo ter sido tão irrestrito em dar tal luz, luz que excedia a tudo mais em toda a Bíblia, é uma boa prova de capacidade. Quão bem sabemos nós que, quando ministramos no Espírito, temos liberdade ou restrição determinada pela capacidade espiritual de nossos ouvintes. Gostaríamos de ir mais longe, mas não podemos. Em outros tempos ou lugares podemos prosseguir todo o caminho. Paulo se utilizou muito de superlativos, os quais se amontoavam um sobre os outros quando ele escreveu esta carta. A sentença mais longa sem um ponto final na Bíblia é encontrada aqui. Ele não podia parar por causa das regras de pontuação. Certamente a explicação dessa liberdade do Senhor é encontrada em Seu discurso aos Efésios em Apocalipse (2:4) “Deixaste o teu primeiro amor”. “Teu primeiro amor”. Deve ter havido algo muito precioso para o Senhor no início da igreja em Éfeso. É como o choro e soluço de alguém ama e que está com o coração partido, cujo amor se move em ciúme e ardor contra o detrator e a infidelidade. Ele vê o êxito do ‘deus deste mundo’ em cegar a mente, e fica irado com Éfeso pela sua cumplicidade. Bem, muito, muitíssimo, pode ser acrescentado sobre esta questão, mas basta! Lembre-se de que a maneira na qual a Igreja será edificada interiormente e exteriormente não será apenas por reuniões, conferências, discursos, ensino, nem por campanhas, mas pelo batismo de todos em amor, e algumas vezes apenas puro amor, sem palestras.

Mas – é necessário dizer isto? – este amor é o fruto de uma vida profundamente crucificada. É somente numa verdadeira e adequada compreensão e apreciação da Cruz que o coração é dilatado para TODOS os homens. ‘Amar os que não amam’. É somente quando a Cruz tem tocado profundamente na raiz do orgulho, do interesse pessoal, da ambição, da reputação, do egoísmo, e o interesse é por nada menos do que o propósito pleno de Deus, que Ele irá realmente edificar Sua Igreja. A Igreja é a esposa do Cordeiro. É uma questão de AMOR! Os dois são um. A Igreja recebe o seu próprio objetivo de vida a partir Dele. Ela abandona todos os interesses e relacionamentos pessoais, e os dois se tornam uma só carne.

Capítulo 7 - A Cruz e as Nações

Tendo visto que a primeira esfera na qual a Cruz tem sua expressão, em seus vários relacionamentos, é a Igreja, nós agora chegamos ao lugar dela nas nações do mundo. Precisa ser reconhecido de início que, na intenção de Deus, a Cruz não passa ATRAVÉS da Igreja para as nações, mas leva a Igreja com ela lá. Não é a Cruz nas nações como algo pregado em separado da Igreja, mas a Igreja nas nações como a corporificação da Cruz. Isto não pode ser representado em um diagrama, portanto deve ser exposto.

É verdade que os apóstolos pregaram entre as nações Cristo crucificado e ressuscitado, mas como regra e princípio eles não fizeram isto sozinhos. O princípio do Senhor de um mínimo de duas pessoas foi respeitado tão de perto e de forma tão contínua quanto possível, e nas poucas ocasiões quando um apóstolo ficava isolado e sozinho geralmente havia assalto e ameaça até para o ministério ou para a vida. Este princípio corporativo de ir adiante como um 'Corpo', com a Igreja por trás, e a Igreja implicava em mais do que estarem juntos, este princípio indicava que os meios requeridos pelo Senhor é aquele que representa Cristo corporativo. Dois é referido na Bíblia como o número que implica testemunho adequado. Isto é facilmente verificável de relance na maneira como dois eram unidos por Deus tão freqüentemente, e que 'pela boca de duas testemunhas' tudo será confirmado. Agora, então, o Senhor disse: "este evangelho do reino será pregado no mundo todo PARA TESTEMUNHO... e então... o fim..." A Igreja é o vaso do testemunho, daí o mínimo ser dois. O princípio é ter uma expressão ou uma representação corporativa de Cristo em cada nação. O significado mais profundo de 'evangelizar' é trazer para, não apenas proclamar. Está inerente na Palavra, e significa – trazer Cristo às nações. "Este evangelho do reino (de Deus através de Cristo) deve ser estabelecido nas nações para testemunho"; este seria o significado da frase. Está em consonância com todos os princípios fundamentais da Divina revelação.

(1) "A Terra É Do Senhor"

Mas a terra tem sido subjugada e possuída por aquilo que é adverso a Deus. Deus foi 'expulso' e um usurpador ocupou o trono aqui. Isto tanto é afirmado como ilustrado muitas vezes na Escritura.

Após o dilúvio, quando a terra apareceu como algo expurgado e renovado, Noé e o núcleo daquela nova criação edificaram um altar e consagraram a

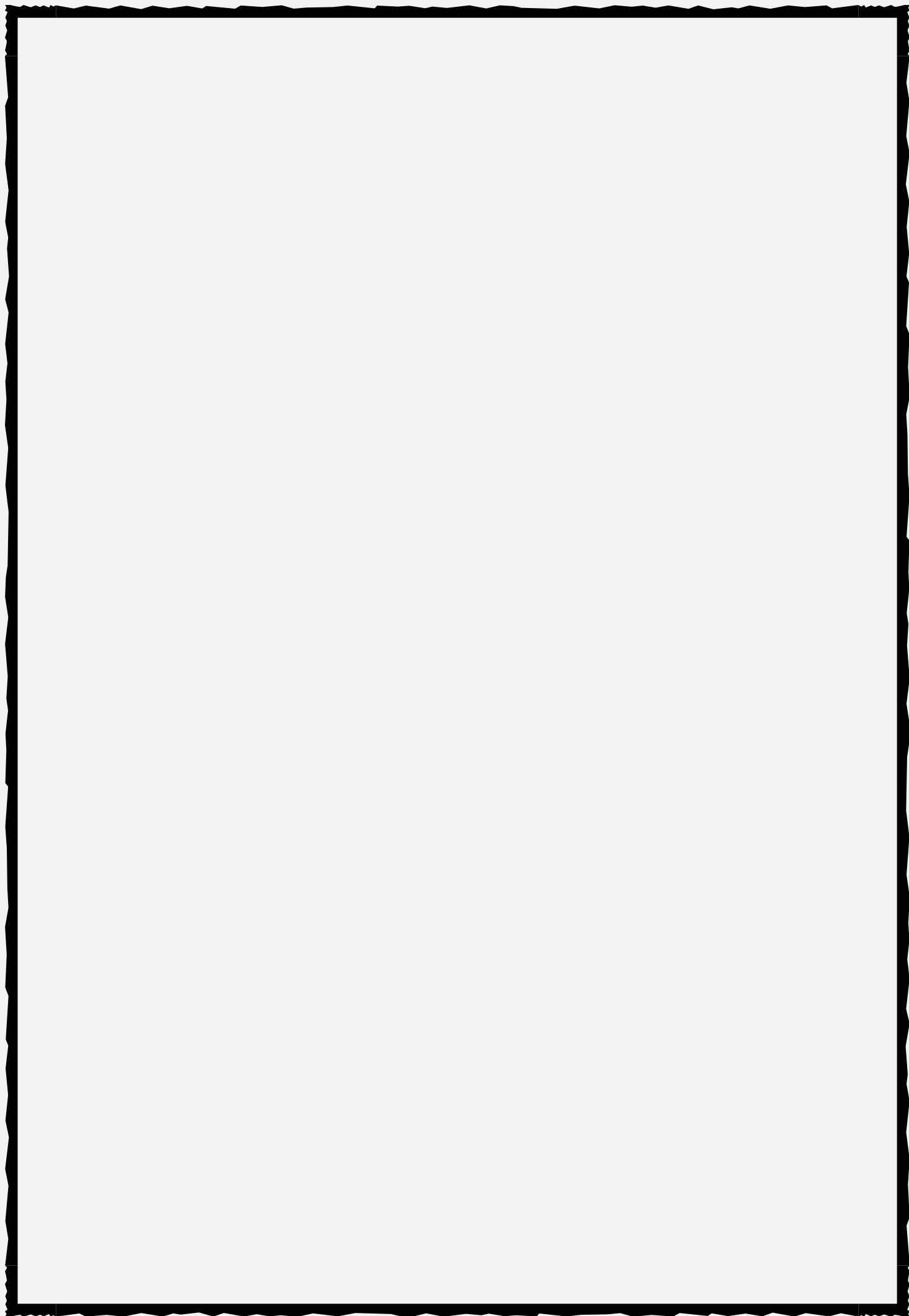
terra a Deus, daquele modo dizendo em efeito: “A terra é do Senhor”. O testemunho foi localmente representado; um direito universal localmente estabelecido numa companhia corporativa pelo que simbolizava a Cruz. Quando Davi foi tirado de seu lugar de direito pelo usurpador Absalom, ele enviou Zadok de volta com a arca. Zadok e Abiatar estavam lá com o testemunho do fato de que o direito de Davi estava lá, onde estava o testemunho. A Igreja, com o testemunho de Jesus, representativamente ocupa a terra para o seu legítimo Senhor.

Significado

(2) "Todas as Coisas Foram Criadas Para Ele"

As nações são herança de Cristo. “Pede-Me e Eu Te darei as nações por herança, e os confins da terra por Tua possessão”. A Igreja é a companhia na qual Cristo está estabelecendo o Seu direito de fato. As nações podem não ser salvas nesta dispensação, mas irão dar um sinal, e neste “povo tirado das nações para o Seu nome” (Atos 15:14) irão declarar que tudo é Dele por direito. É algo, mesmo que não haja movimentos de massa, apenas para assegurar terreno para Cristo. Isto irá indicar o lugar da Cruz, pois foi pela Cruz que Ele expulsou o príncipe deste mundo. Foi pela Cruz que Ele estabeleceu Seu direito moral a terra. Foi por causa da Cruz que Ele recebeu “toda a autoridade no céu e na terra”, e recebeu o “nome que está acima de todo nome”. Somente em virtude do triunfo do Calvário seremos nós capazes de assegurar nosso terreno neste mundo pecaminoso e maligno – neste mundo dominado.

Então, se isto é verdade e o princípio corporativo é o princípio efetivo, o único objetivo de Satanás, a fim de frustrar o final e arruinar o testemunho, será fragmentar a vida corporativa. Satanás jamais irá parar até que tenha feito tudo o que possa para dividir as últimas duas pessoas que estejam espiritualmente relacionadas ao testemunho de Jesus. Isto irá requerer uma profunda obra da Cruz nas pessoas envolvidas, para que “o príncipe deste mundo não tenha terreno nelas”. Humildade, submissão, auto-esvaziamento, e profunda devoção à honra do Senhor são frutos da Cruz. Não podemos conter Satanás com doutrinas, técnicas, fraseologia e ‘slogans’ (lemas) sobre Satanás sendo um inimigo derrotado. Ele precisa encontrar homens e mulheres crucificados que tenham dado bastante espaço para Cristo. Você irá ver a ação corporativa da Igreja no livro de Atos. Uma ‘Igreja’ nas nações que não esteja crucificada para o mundo é uma ajuda a Satanás, mas uma companhia crucificada é uma grande ameaça ao seu reino.



A Centralidade e Universalidade da Cruz *por T. Austin-Sparks*

Capítulo 8 - A Cruz E O Reino de Satanás

Seguindo de perto o que dissemos no final de nosso último capítulo, chegamos ao lugar e significado da Cruz na esfera dos principados e potestades, governadores deste mundo tenebroso, e das hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais (Efésios 6:12).

Novamente devemos ter em mente que é NA e PELA Igreja que a Cruz tem o seu registro nesta esfera. É sempre algo perigoso para a unidade da Igreja, isto é, para os indivíduos, atacar esse reino, ou entrar nele com a intenção de perturbá-lo.

Somente Cristo pode fazer isto, ou somente a Ele como seu Conquistador irá esse reino se render, e, repetimos, Cristo está implícito no meio corporativo. Há muita história espiritual, tanto gloriosa quanto trágica, associada a este princípio, a sua observância ou desprezo, violação. Toda a questão de Liderança está envolvida nele. A liderança nunca foi relegada ou delegada pelo Senhor a qualquer indivíduo. Autocracia ou dominação individual na Igreja é uma violação do maior princípio da Igreja - o Supremo Senhorio de Cristo. Por isso a 'supervisão' no Novo Testamento era sempre plural, nunca singular; anciãos, não ancião. No que concerne à autoridade, esta era corporativa, e não individual.

Isto não significa que a técnica Neotestamentária rigidamente seguida irá resultar num poderoso impacto do Senhorio de Cristo nos principados e potestades. A história prova o contrário. Mas este fracasso não prova que o princípio é falso, apenas mostra uma posição que é mais técnica do que espiritual.

Mas para chegarmos à nossa questão principal da qual tais pontos não passam de uma moldura, a coisa inclusiva sobre a qual devemos ser muito claros é que a posição final da Cruz está nesta esfera, a partir da qual a Cruz assume sua original ascensão. A Cruz está estabelecida no próprio coração de

Um Combate Universal pelo Domínio da Criação

Usamos a palavra universal porque esse conflito abrange a terra, os céus e o universo. Aqui nos encontramos antes do tempo, na eternidade, pois há um aspecto da Cruz que vai além da expiação. A expiação está atrelada ao tempo, a este mundo, ao pecado e à queda do homem. Mas a expiação não foi direcionada a Satanás e “aos anjos que não guardaram o seu estado

original” (Judas 6). A última coisa que a Bíblia diz sobre o diabo é que ele será lançado no lago de fogo “pelos séculos dos séculos” (Ap 20:10). (A mesma frase é usada para a glória de Deus na Igreja [Ef 3:21]. Um é contrapartida do outro, e deve ter da mesma duração). A palavra nos diz que os anjos caídos estão “guardados sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia” (Judas 6) e “precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo” (não para salvação)(2Pe 2:4).

Quando falamos de uma luta universal pelo domínio da criação, alguns podem achar difícil contemplar o Infinito, Onipotente e Eterno Deus envolvido numa luta, como se não pudesse com uma palavra ou um movimento de Sua mão, varrer da existência tudo que atravessa em Seu caminho. Para superar esta dificuldade mental, devemos nos lembrar de que a criação está baseada sobre um fundamento moral. Na criação Deus, sujeitou a Si mesmo a certas condições morais, e por isso Se colocou em uma posição onde a Sua autoridade opera somente em bases morais. Ele intervém *para a salvação* somente quando possui um terreno em conformidade com Sua própria natureza moral.

Se o terreno for incorrigivelmente antagônico a Sua natureza, Sua intervenção é, e sempre será para julgamento e destruição. A justificação pela fé foi tornada possível por Deus ter provido o terreno de Sua própria perfeição moral em Seu Filho, Jesus Cristo, e então essa base é a nós disponibilizada pela fé Nele. Persistente e final rejeição a Cristo e à justiça de Deus nEle deixa as pessoas em outra esfera, referida pelo apóstolo Paulo como: "conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens" (2Co 5:11). Assim como Deus precisa ter terreno para o exercício benevolente de Sua autoridade e poder, assim também acontece com Satanás.

Tire essa base e Deus não poderá trabalhar por você. Dê a Ele Seu terreno, e Ele agirá. Todo o significado *do poder por meio da santificação* reside nesse ponto. "E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles" [Mt 13:58]. Da mesma forma, dê terreno a Satanás e sua autoridade será estabelecida. Tire dele seu terreno e ele fica inoperante.

Portanto seu único objetivo, a fim de estabelecer o seu reino, é corromper, porque ele sabe que dessa maneira Deus não poderá intervir; tudo é uma questão moral. É desta forma que a batalha é travada: não são dois potentados em seus territórios oficiais e pessoais, mas são duas ordens morais representadas por dois senhores, da justiça e da injustiça, respectivamente.

É nesse sentido que a Cruz vai além da expiação e estabelece a Igreja em uma forte posição de autoridade espiritual e moral, exatamente no lugar onde as forças malignas têm sua base. 'Pela Cruz Ele conquistou'. Isto porque a Cruz removeu o terreno moral de Satanás.

A Igreja é um corpo Celestial, o que significa que ela está fora do domínio espiritual e moral de Satanás. 'Ele nos libertou do IMPÉRIO (autoridade) das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor" (Cl 1:13). Para ter sua autoridade espiritual, a Igreja *precisa* permanecer no terreno da Cruz, que funciona como um poder separador e santificador. O único objetivo de Satanás é corromper a Igreja. A luta contra os principados e potestades (Ef 6:12) não é física, nem visa *obter* uma posição de ascendência, mas é contra as "*ciladas do maligno*". Podemos classificar essas ciladas em duas categorias: a busca de um ponto de fixação para os dardos de acusação - que é uma negação de nossa justificação e justificação pela fé; e, a corrupção para o terreno, carnal e pecaminoso. Isto explica a natureza moral e espiritual da armadura providenciada.

A Igreja não leva o Evangelho da salvação e reconciliação para o reino de Satanás em si, mas somente a seus prisioneiros, oferecendo-lhes a opção de libertação ou de permanência ali. Com relação aos poderes malignos, a Igreja se levanta para expressar o Senhorio moral de Jesus Cristo na virtude de Sua Cruz, e para exercer esta autoridade baseada em sua própria permanência nEle [em Cristo].

Resumidamente, podemos dizer que antes que o mundo existisse, Deus propôs reunir toda a criação debaixo de um só Cabeça. Este Cabeça foi o Seu Filho. Isto foi estabelecido de forma irrevogável e inalterável nos conselhos eternos. Sabendo que isto jamais poderia ser atingido mecanicamente, mas que a fé, o amor, e a santidade (não me refiro a uma inocência passiva) seriam essenciais para a realização desse propósito, e prevendo o advento do inimigo e a ação de um sistema subversivo, o Senhor se precaveu impedindo o triunfo desse sistema no "Cordeiro que foi morto antes da fundação (literalmente) do mundo" [Ap 13:8; 1Pe 1:19,20]. Tudo foi previamente vislumbrado, e o Cordeiro entrou na esfera temporal, deixando a eternidade para ser, literalmente e não potencialmente, morto. Então, o terreno foi tirado do maligno por meio dessa morte, e o vínculo com o propósito original foi renovado - "todas as coisas em Cristo".

A Igreja - o Corpo eleito - foi trazida à existência com base na Cruz. A Ele foi dada "para ser o cabeça sobre *todas as coisas*, o deu à igreja, a qual é o Seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas" (Ef 1:22,23). A Igreja foi transportada registrando os direitos de Cristo por trás da esfera temporal e perceptível, no próprio reino espiritual de Satanás, e

isso funcionou até o ponto onde a Igreja declinou de sua posição espiritual e celestial. A Cruz é a arma de combate moral da Igreja, e o sistema maligno ainda pode sentir o seu poder destruidor. Tudo depende da Igreja se ajustar a três coisas:

1. Ao significado da Cruz;
2. Ao lugar onde a Cruz a estabeleceu;
3. Agressões em toda sua armadura.

Nosso objetivo não foi tratar em nenhum grau dos assuntos relacionados. Cada um deles poderia facilmente tomar um livro. Nosso objetivo foi indicar o lugar que a Cruz tem em todas as coisas, relacionando-se ao propósito eterno e universal em Cristo.

Ainda resta um campo mencionado em nosso diagrama. Mas antes que passemos a considerá-lo, gostaria de acrescentar algo a este capítulo com o objetivo de enfatizar que este poder é uma questão de posição.

Posição e Poder

Sem dúvida alguma a palavra que ocorre hoje muito freqüentemente nos círculos religiosos – especialmente no evangélico – é a palavra ‘poder’. Nos sermões e orações esta é a palavra dominante da qual e para a qual há um movimento constante. Em todo o mundo é a mesma coisa.

Ouvindo pregadores e oradores, em línguas com as quais alguém não está familiarizado, certa palavra ocorre com uma reiteração quase monótona, e inquirida a pessoa não fica surpresa ao aprender que é esta palavra. A ausência de poder e a sua necessidade é revelado ou confessado de muitas maneiras; não apenas direta e humildemente pelo mais disposto espiritualmente entre o povo de Deus, mas pela gritante exibição de engenhosa habilidade em propaganda, ‘jogos’, organização, etc., que são mais uma triste denúncia do caso do que aquilo que se quer sugerir por eles, a saber: que não há vida.

Não pretendemos embarcar num exame desta matéria em geral, a partir de todos os seus ângulos, mas sim tratar de uma coisa básica, mais básica até mesmo do que o receber do Espírito Santo. O assunto é muito raramente tratado em relação ao Espírito Santo, e certamente nenhum tratado pode ser completo. O Mestre deixou muito claro que, antes que pudesse haver um Pentecostes, havia certas coisas muito profundas e vitais que deviam acontecer. O Pentecostes deveria verdadeiramente ser um efeito, e não apenas uma causa; o fim de algo tanto como um começo; um selo e não apenas um penhor. Antes que pudesse haver a contrapartida da unção do Jordão de Cristo sobre os membros de Seu

Corpo, necessariamente deve ter havido um batismo em Sua morte, uma união com Ele no sepultamento do 'corpo do pecado'. Sua morte significou o fechamento da porta para a velha criação; foi lidado com o primeiro Adão e efetivamente foi ele relegado ao lugar onde não mais teria qualquer consideração ou aceitação da parte de Deus, sendo considerado como morto, e somente o inclusivo 'último Adão' receberia a plenitude de Deus. No dia da unção dos servos de Deus do Velho Testamento, instruções muito definidas e explícitas foram dadas em relação ao óleo da unção. Este óleo santo não podia de forma alguma vir sobre a carne do homem e não podia haver qualquer tentativa de se fazer algo semelhante a ele.

O óleo é sempre o símbolo do Espírito Santo, e a 'carne' é o tipo da velha natureza caída de 'Adão'. Deus estritamente proibiu que o Espírito Santo viesse sobre homens e mulheres não crucificados. "Sendo conformados na Sua morte" é o único caminho para o poder. Todas as nossas motivações em buscar de poder será provado pelo fogo. Estamos nós buscando influência pessoal, popularidade, reputação, prestígio, aceitação, sucesso, demonstrações, alguma coisa do reino deste mundo? Podemos achar que os nossos motivos sejam perfeitamente puros, mas não até que passemos pela morte, morte para qualquer das coisas acima, e nos encontremos 'desprezados e rejeitados dos homens', nossos nomes banidos, um verdadeiro assalto (semelhantemente) de nossa obra, aí sim realmente chegaremos a encarar os verdadeiros motivos e propósitos em termos nós qualquer espaço na obra de Deus. A morte ou ofuscamento de tudo que está em nosso interior e exterior é um bom teste. Muitos homens de Deus que foram VERDADEIRAMENTE usados por Ele seguiram por este caminho. Não sobre nossa carne – seja ela grosseira ou refinada, educada – Deus não permitirá que o Seu Espírito venha. Antes que possa haver um Pentecostes deve haver um Calvário. Antes que possa haver o fogo de Deus deve haver um altar e um sacrifício; e deve haver a oferta QUEIMADA, na qual tudo seja consumido. Sem dúvida alguma os discípulos de nosso Senhor tiveram a morte de toda ambição, perspectiva, visão, auto-confiança, etc., quando o Mestre deles foi crucificado, experimentaram profundamente aquela morte que estava para governá-los todos os dias. Suas opiniões, idéias, "convicções", métodos, escala de valores, padrões de julgamento, disposições, temperamentos, influência pessoal e cada parte de suas vidas ficaram debaixo deste governo, e em cada batismo mais profundo nesta morte eles se levantavam mais plenamente na vida de Cristo – não em suas próprias. Cada experiência era mais crítica, crucial e devastadora do que a última, e, sem dúvida alguma, eles algumas vezes se perguntaram se sobraria alguma coisa; porém a vida estava se tornando mais abundante. Veja, por exemplo, Atos 10, e 2 Cor. 1:8-10, etc.

Esta somente foi e é a posição inicial que significa poder, e qualquer coisa que se assemelhe a poder que não seja fruto de morte profunda da vida natural do indivíduo ou da comunidade é uma fabricação de óleo parecido com o verdadeiro, mas que não é o verdadeiro, e, portanto, no senso mais profundo, não é a unção de Deus. Mas há mais um elemento nesta questão de posição. No mundo e na carne Satanás possui direitos legítimos. Cristo veio para tratar desses direitos legítimos e desse terreno de reivindicação de Satanás; Cristo veio para destruir o terreno e possuir esses direitos Ele mesmo. Na luz e no poder de Sua Cruz – a qual Ele tinha aceitado em Seu batismo – e no terreno de Sua posição predestinada como o ‘Príncipe deste mundo’ escolhido de Deus, Cristo possuiu uma autoridade que foi reconhecida em cada esfera e sempre estabelecida contra outra autoridade. A palavra grega “exousia”, traduzida na versão A.V. como “poder” e na R.V. como “autoridade”, seria mais acuradamente traduzida como “jurisdição”. Veja o reconhecimento desta jurisdição superior, por exemplo, em Mateus 7:29, onde ela é colocada em nível superior a dos escribas; em Mateus 8:9, onde ela está acima do Império Romano por trás do Centurião; em Mateus 21:23, onde os fariseus revelaram seu reconhecimento desta coisa mística. As noventa e quatro ocorrências desta palavra no Novo Testamento são bastante iluminadoras. Satanás reivindicou a jurisdição do mundo, (Lucas 4:6). Cristo não deixou de reconhecer o direito dele, naquela ocasião, porém foi para a Cruz bradando: “Agora será expulso o príncipe deste mundo”; e tendo tratado com Satanás e com todo o terreno de sua reivindicação, Cristo ressuscitou triunfante dizendo: “Toda jurisdição acabou de ser dada a Mim nos céus e na terra; por esta razão ide por todo o mundo e pregai as boas novas” (Mateus 28:18,19, Tradução Literal).

À luz deste triunfo e porque Ele conquistou esta posição em Si mesmo Ele disse a Seus discípulos: “Eis que vos tenho dado jurisdição... acima de todo poder (dunamis – poder) do inimigo” (Lucas 10:19). Após ter Ele possuído esta jurisdição por conta da Sua carreira como Filho de Deus – Ele promete aos discípulos que eles receberão poder (dunamis) quando o Espírito Santo viesse sobre eles. (Atos 1:8). Jamais pode haver “dunamis” até que haja “exousia”, isto é, jamais poderá haver poder até que haja POSIÇÃO.

Deus somente irá colocar o Seu poder naqueles que estiverem na posição de autoridade, e ninguém está lá sem ter sido incorporado em Cristo, em Sua morte, sepultamento, ressurreição, ascensão, e reino, e isto como uma experiência ESPIRITUAL presente. A jurisdição de Cristo através de Sua Cruz tem que funcionar através dos membros de Seu Corpo em união. Cristo tem a jurisdição, nós somos incorporados Nele se tivermos em todos os pontos aceitados e afirmados nossa identificação com Ele, e

assim nos tornamos instrumentos desta autoridade contra o poder do inimigo em cada esfera onde Sua vitória não está reconhecida. Por meio de uma vida no Espírito estamos aptos para receber pelo discernimento aquelas indicações de cima – a ‘Cabeça’ – e então, comandar a situação e deixar o inimigo sem ação. A palavra “destruir” no Novo Testamento significa “deixar sem ação”, e isto em relação às “obras do Diabo” é progressivamente forjado no terreno do Calvário pela Igreja, que é o Seu Corpo. Isto não é exorcismo vulgar, pois somente pode ser eficaz quando o Espírito Santo toma a iniciativa em nós e através de nós, e precisamos conhecer Sua ‘energização’. Sem dúvida alguma foi a absoluta união dos discípulos com o seu vitorioso Senhor, e o reconhecimento da autoridade judicial deles – não sobre homens, mas sobre Satanás e seu reino – que era o selo do Espírito Santo e a unção dos apóstolos e dos primeiros crentes. Gálatas 2:20 é para sempre a chave para a situação.

Capítulo 9 - A Cruz e os Lugares Celestiais

Talvez uma das declarações mais misteriosas na Bíblia seja aquela feita por Paulo na "Carta aos Efésios" (3:10) que "Para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida agora dos principados e potestades nos lugares celestiais".

Pelo menos este versículo implica que o apóstolo recebeu uma revelação muito especial, pois esta é uma das coisas que jamais poderia vir por meio do estudo, da razão ou dedução. O que tudo isto significa nós não sabemos, mas podemos enxergar algo.

Primeiramente, verificamos ser difícil que esses principados e potestades sejam os mesmos mencionados em Efésios 6. Seria de fato difícil de entender por que o Senhor deveria querer mostrar Sua multiforme sabedoria ao poderes malignos. Se todo o Seu objetivo dominante é a expressão e difusão de Sua glória no universo, de modo que a adoração volte para Ele em adoração, admiração, espantoso júbilo, então temos a pista para esta declaração. A Igreja aqui está representada como juntamente assentada com Cristo nos lugares celestiais, não no território dos poderes maus, mas acima deles, entre as hostes angelicais. Lá, inteligências que têm absoluta confiança na sabedoria e habilidade de Deus são, contudo, suscetíveis de serem instruídas e de aprenderem. Elas estão conscientes dos indescritíveis, grandes e imensos problemas que surgiram através da interferência de Satanás, e da cumplicidade do homem com ele - os problemas da pervertida natureza; do poder resultante de Satanás sobre o homem e da própria impotência deste; o problema do pecado, da inimizade, do ódio, do orgulho, do egoísmo, da hostilidade, da morte, etc. É como um argumento enorme erigido para Deus responder. Eles estão certos de que Ele pode fazê-lo, mas há um suspense de tirar o fôlego quanto a COMO Ele irá fazê-lo. Eles observam a Igreja como o vaso no qual Ele irá dar a resposta. Os componentes da Igreja são tão humanamente multiformes e diversos em disposições, temperamentos, naturezas e tendências quanto sejam os indivíduos. Neles por natureza são encontrados todos os resultados e efeitos da Queda. Então, a GRAÇA começa a trabalhar; chama-os, escolhe-os, salva-os, santifica-os, e os transforma de tal maneira que ficam completamente "contrários à natureza". Eles não mais fazem aquilo que costumavam fazer. Eles fazem aquilo que jamais teriam feito. Isto é operado e desenvolvido a cada dia. Graça, graça, graça! A palavra ocorre uma dúzia de vezes em "Efésios", e sua questão gloriosa é que "nas eras que hão de

vir, será mostrada a incomparável riqueza de Sua graça, demonstrada em Sua bondade para conosco em Cristo Jesus" (Efé. 2:7). Assim, a Igreja e seus membros passam por todo tipo de prova e teste -perseguição, reprovação, adversidade, sofrimento, solidão, desapontamento, sofrimento físico, frustração, etc. - e as reações por meio da graça de Deus são muito diferentes daquelas que eles demonstrariam separados da graça.

Lá, onde as coisas são conhecidas por seu valor eterno e correto significado, esta 'multiforme sabedoria de Deus" faz com que os principados e potestades adorem e glorifiquem a Deus. E porque a Igreja a Ele desta maneira, ela está destinada a compartilhar de Sua glória, e a "descer do céu ... tendo a glória de Deus". (Apo. 21:11) Pode ser facilmente visto como a Cruz tem relação com isto. Inicialmente ela garante o vaso para Deus. Progressivamente, como um princípio, ela permite remover todas aquelas obras contrárias a Sua glória. A Cruz está no centro de cada desapontamento triunfantemente suportado, e de cada adversidade humildemente sofrida.

Por causa da grande solução que a Cruz é para o problema que encheu o universo, anjos e arcanjos e todas as hostes do céu adoram Aquele que a concebeu - Aquele cuja sabedoria encontrou expressão em "Jesus Cristo e este crucificado". (1 Cor. 2:2)